

Universidade Federal de Alagoas | Campus Arapiraca |
Administração Pública | 2024 | Universidade Federal de Alagoas
| Campus Arapiraca | Administração Pública | 2024 | Universidade
Federal de Alagoas | Campus Arapiraca | Administração Pública |
2024 | **Universidade Federal de Alagoas** | Campus Arapiraca |
Administração Pública | 2024 | Universidade Federal de Alagoas
| Campus Arapiraca | **Administração Pública** | 2024 | Universidade
Federal de Alagoas | Campus Arapiraca | Administração Pública |
2024 | Universidade Federal de Alagoas | **Campus Arapiraca** |
Administração Pública | **2024** | Universidade Federal de Alagoas
| Campus Arapiraca | Administração Pública | 2024 | Universidade



Les Survivants (ou Os Sobreviventes)

Cláudia de Brito Silva | **Denise Rodrigues dos Santos** | Evelli
Pinheiro Santos | **Fabiana de Cássia Araújo Silva (org.)** |
Gustavo da Silva Mota | **Livia Vitoria Martins da Silva** | Maiky
Candido da Silva | **Pancho Belo Cavalcante Romariz** | Rodrigo
Pereyra de Sousa Coelho (org.) | Cláudia de Brito Silva | Denise
Rodrigues dos Santos | **Evelli Pinheiro Santos** | Fabiana de
Cássia Araújo Silva (org.) | Gustavo da Silva Mota | Livia
Vitoria Martins da Silva | **Maiky Candido da Silva** | Pancho Belo
Cavalcante Romariz | **Rodrigo Pereyra de Sousa Coelho (org.)** |
Cláudia de Brito Silva | Denise Rodrigues dos Santos | Evelli
Pinheiro Santos | Fabiana de Cássia Araújo Silva (org.) | Gustavo



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

Les Survivants

(ou Os Sobreviventes):

Memórias da Jornada da Turma IX do curso de Administração Pública da UFAL

Cláudia de Brito Silva | Denise
Rodrigues dos Santos | Evelli Pinheiro
Santos | Fabiana de Cássia Araújo Silva
(org.) | Gustavo da Silva Mota | Livia
Vitoria Martins da Silva | Maiky Candido
da Silva | Pancho Belo Cavalcante
Romariz | Rodrigo Pereyra de Sousa
Coelho (org.)

2024

INTRODUÇÃO

Este livro é resultado de uma Atividade Curricular de Extensão (ACE), mais precisamente a ACE III do curso de Administração Pública da UFAL campus Arapiraca, que buscou entender como os alunos enxergam sua trajetória num período de quatro anos e meio vivenciados na universidade. Ao longo desta ACE, se buscou um olhar reflexivo, em que se veja a educação como propulsora do desenvolvimento, não apenas acadêmico, mas de diversos aspectos da vida, como os sociais, profissionais, políticos, pessoais, entre outros.

Pensar a vivência acadêmica a partir dos relatos de alunos do nono período (quando se aproximam da conclusão do curso), permite entender e revelar a influência da formação acadêmica na vida de cada um dos alunos. Refletimos como eles enxergam esse crescimento que está para além do profissional; como se deu o desenvolvimento das relações sociais e como ser humano; como eles se veem depois de um processo tão intenso de aprendizagem e troca de conhecimento. Enfim, refletimos quais perspectivas que eles desejavam lograr numa próxima etapa da vida.

E olha que a etapa universitária da vida destes jovens não foi fácil. A turma de 2020 deveria ter sua primeira aula exatamente no dia em que foi decretado o lockdown em Alagoas, por conta da pandemia de COVID-19. Seguiram-se dois anos de aulas on-line. Na volta às aulas presenciais, a turma já tinha sofrido uma evasão enorme, evasão essa que continuou ao longo dos semestres já que agora eles tinham que conviver com os problemas tradicionais de um curso superior - acúmulo de leituras e trabalhos, afastamento da família, pouco tempo de descanso, elaboração de TCC.

Por isso, na hora de escolher o título deste livro, eles não tiveram dúvidas: *Les Survivants* (ou *Os Sobreviventes*): Memórias da Jornada da Turma IX do curso de Administração Pública da UFAL. Após todas as reflexões, os autores consideraram que são os sobreviventes daquele sonho de 40 alunos que viam na UFAL uma possibilidade de vida diferente. E é gratificante ver que, mesmo com todos os desafios, o bom humor permaneceu, afinal os alunos escolheram um nome em francês porque “na universidade, tudo em francês fica mais chique”.

O livro inspirado nesta experiência acadêmica está dividido em cinco temáticas: 1) o impacto de entrar na Universidade Federal de Alagoas; 2) a pandemia e aulas pelo computador; 3) a volta às aulas presenciais; 4) o cotidiano das aulas; 5) as perspectivas de futuro. Cada temática foi desenvolvida semanalmente com rodas de conversa, debates, correções e a produção final de cada texto. A proposta de elaboração do livro considerou o

entendimento da percepção de construção e identificação pessoal e profissional de cada um dos alunos diante do processo de desenvolvimento acadêmico nas universidades públicas. Por isso, cada temática conta com relatos pessoais de todos os alunos que chegaram até aqui.

Em relação ao alcance dos objetivos, observou-se que a Atividade Curricular de Extensão atendeu ao que se propôs com êxito, tanto nos aspectos profissional e acadêmico, quanto no pessoal. Os relatos apresentam de forma muito clara, que houve um impacto significativo na vida de todos, em todos os sentidos, ou seja, a universidade e a educação continuam sendo o grande canal de mudança e de transformação para a sociedade. Todos lutam, todos crescem, todos ganham, os resultados sempre serão positivos quando todos se unem pela educação.

Fabiana de Cássia Araújo Silva

Rodrigo Pereyra de Sousa Coelho

Organizadores

O IMPACTO DE ENTRAR NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Pancho Belo Cavalcante Romariz

Olá! Eu sempre gostei de aprender. Cresci com minha avó materna, pois meus pais eram separados desde que eu era bebê. Meu pai foi morar em Brasília e fiquei com minha família materna em Alagoas. Sinto a necessidade de compartilhar essas informações no começo para que a história se torne mais fluída adiante.

Agora vamos ao que importa!

Entre na universidade no final dos meus 17 anos, em 2007, no curso de Psicologia, na UFAL em Palmeira dos Índios. De lá para cá, agora, agosto de 2024, muita coisa mudou e eu vivi realmente muitas situações diferentes. As intenções mudaram, a vida pregou inúmeras peças, mas, ainda assim, cá estou no nono período da minha quarta tentativa de graduação. E você, como tantos outros, pode perguntar: “Quarta graduação? Dessa vez vai?” Pois vamos ao relato.

Em 2007, entrar na UFAL era um passo para eu sair de casa e conseguir me virar sozinho, podendo crescer tanto pessoal quanto profissionalmente. Sempre gostei de artes e de filosofia, minha mãe dizia que eu tinha um grande talento para não ganhar dinheiro, e o curso mais próximo entre essas duas áreas que eu tive acesso na minha cidade foi Psicologia. Cursei o primeiro mês num ambiente novo, com pessoas novas, com os hormônios à flor da pele. Tudo indicava que seria uma vivência incrível! E então, meu irmão se suicidou e tudo começou a desandar.

Minha vida desandou, minha mãe desandou, exatamente tudo desandou. E eu precisei me mudar para Brasília para também não sucumbir diante de tudo o que acontecia - e, após dois períodos desse curso, assim o fiz.

Em 2009, estava eu na capital federal, centro administrativo do país, e decidi cursar a tão sonhada faculdade de Direito. Mas tão sonhada pelos outros, não necessariamente por mim, afinal ouvia tanto de minha mãe quanto de meu pai para eu fazer Direito. Virar “doutor”, ganhar dinheiro, ser um defensor público, advogado de sucesso, todas essas ilusões que uma área específica suscita na mente dos pais, de tudo isso eu ouvi, e acabei optando em ceder e fui cursar Direito. Foi a minha mais infeliz escolha universitária, portanto, me escutem: não façam isso! Escolham algo que vocês queiram. Cursei um ano e as disciplinas que eu mais gostei foram as que tratavam da filosofia do Direito - disciplinas para as quais nenhum aluno da minha sala dava a mínima. Por outras razões precisei voltar para Alagoas, reaproximar-me de minha mãe e, conseqüentemente, distanciar-me novamente do meu pai, com quem mal convivi a vida inteira. Parti o seu coração e voltei para Palmeira dos Índios.

Ainda consegui retomar o curso de Psicologia, mas precisei trancar novamente, porque minha mãe acabou adoecendo e decidi se mudar para Portugal com o novo esposo (essa é uma outra história longa).

Fiquei então, sozinho de vez. Tranquei psicologia pelo curso ser diurno e arrumei um emprego para eu sobreviver. Consegui passar para Letras - Português noturno, e começou a minha jornada de dia à noite em 2011. Consegui passar em primeiro lugar no vestibular e sempre gostei de escrever. Era um adolescente que queria trabalhar escrevendo, ou numa redação ou fazendo livros. Escrever! E a UNEAL seria essa ponte para eu conseguir me estabilizar e alcançar esse desejo.

Então, recebi a notícia de que minha mãe havia morrido em Portugal, infelizmente, da mesma maneira que meu irmão. Pouco tempo depois perdi o emprego e as coisas novamente mudaram. Surgiu uma chance de trabalho em um Laboratório de Análises Clínicas, que contratava jovens para ensiná-los a profissão. Passei na seleção e eles sugeriram que eu fizesse um curso técnico na área. Fechei Letras - Português e hoje sou formado como Técnico em Análises Clínicas. Devo sete anos sobrevividos a esse curso técnico, mas eu queria estudar novamente, queria voltar para a Universidade.

E aqui pulamos para 2020, quando voltei à UFAL com 31 anos. Foi outra história. Minha vantagem agora era saber o que eu queria e como queria e a razão pela qual eu o queria. Escolhi o curso de Administração Pública, porque eu acabei fazendo cursos de mercado financeiro e bolsa de valores pela internet, também havia cursado outro sobre educação financeira, já havia passado por bacharel em Direito e sempre tive um interesse forte para as coisas da sociedade em geral, para as questões humanas - ligadas principalmente à minha carga filosófica - e essa graduação abarcava, centralmente, sociedade, economia e direito. Pareceu-me que todos os caminhos me levavam até aquele momento.

Juntei todas as vivências e estudos que tive durante a vida inteira. Eu não tinha tempo a perder. Esta era a minha vantagem contra mim mesmo: por tudo o que eu passei, eu me conhecia! E a UFAL me deu as ferramentas, os professores, os colegas e amigos, a condição de estudo, as referências e a crença de que eu, a partir dos meus esforços, a partir de tudo o que eu vivi, do desejo de vencer que sempre habitou dentro de mim - não vencer a vida, ou os outros, ou o mundo, de vencer a mim mesmo - de eu poder me provar que, mesmo cansado, mesmo trabalhando os dois horários, mesmo cuidando da casa, da comida, da roupa e, de agora, três gatos (meu Deus, onde eu estava com a cabeça?), eu poderia, sim, chegar ao término de uma graduação com ótimas notas e, com fé em Deus, formar-me muito em breve!

A vivência universitária me mostrou, além de tudo isso, que o meu

conhecimento pode melhorar a sociedade, pode me fazer melhorar a minha Palmeira dos Índios, que nem é a minha cidade natal, mas foi a cidade que, quando tudo faltou, ela me abriu uma porta, uma janela, uma porta de um quarto para eu dormir quando eu não tinha nada.

A UFAL, a vida acadêmica, o conhecimento, não é o caminho mais fácil para você crescer ou mudar de vida, pode ser até um dos mais difíceis, mas, humanamente falando, com a possibilidade que você tem para mudar a si mesmo, para se provar, a educação com certeza sempre será a nossa chance de nos vencermos e de, conseqüentemente, gerarmos a necessidade da sociedade no nosso trabalho - que é o que fará com que sejamos bem-sucedidos profissionalmente. Quando atropelamos o medo de falar em público, quando aumentamos a nossa capacidade de debater, a nossa percepção diante de tantas questões que nos são pertinentes e que as vezes nem prestamos tanta atenção, tudo isso, além do conhecimento em si, é, sem dúvida, o que mais tem o poder de nos transformar e de transformar a sociedade em que vivemos - e é graças a formação acadêmica.

Depois de começar a minha quarta graduação, estou chegando ao término do curso de Bacharel em Administração Pública. Hoje, sou muito melhor do que jamais fui e isso eu também devo a minha formação. Eu nunca interrompi os estudos porque eu quisesse largar os outros cursos, nunca. Eu precisei dançar conforme a música para tentar continuar dançando. Mas agora é chegada a hora, e sim, eu lhe digo: dessa vez vai.

[15 de agosto de 2024]

Maiky Candido da Silva

Cursar o ensino superior sempre foi um dos meus objetivos. Desde cedo, meus pais me incentivaram a seguir esse caminho, convencidos de que seria a chave para um futuro promissor e uma vida confortável. Desde muito jovem, sempre tive uma profunda paixão por animais e costumava tentar acariciar qualquer um que encontrasse. Sonhava em ser um encantador, me imaginando caminhando pelas florestas entre gorilas e me deitando ao lado de leões. Era esse o futuro que eu realmente desejava.

No entanto, durante a adolescência, tive a oportunidade de começar minha vida profissional como jovem aprendiz em uma empresa que integrava um grande grupo econômico. Foi nesse ambiente que conheci a administração e passei a gostar do que via, apreciando o ambiente organizacional e os processos que o acompanhavam. Ao mesmo tempo, as Ciências Biológicas continuavam me atraindo muito e eu ainda desejava ser um Richard Rasmussen.

Chegou o período em que estavam abertas as inscrições para o SiSU. Minha mente se dividiu entre dois caminhos distintos, mas que faziam sentido para mim. No final, optei por administração devido à facilidade de acesso à universidade, ao vínculo com o que já estava fazendo e às oportunidades de crescimento na empresa em que eu trabalhava. O fato de o curso de Biologia ser oferecido apenas como licenciatura também influenciou na minha decisão.

Ao ingressar em uma universidade pública, em 2019, meus pais se encheram de orgulho e felicidade, afinal eu estava começando a traçar o caminho que eles tanto me pediam pra seguir. No entanto, me deparei com um cenário muito diferente do que eu estava acostumado. A combinação das exigências acadêmicas com as novas liberdades, como a possibilidade de ir e vir a qualquer hora e a menor cobrança sobre as tarefas, foram desafiadoras.

Esses primeiros períodos foram bastante exaustivos até que eu me adaptasse a essa nova realidade e começasse realmente a entender o valor da ética numa empresa, o que era empreendedorismo, a importância da economia no sistema brasileiro, como a contabilidade é fundamental pra chegarmos ao lucro líquido - que afinal é o que realmente importa.

Ao final do meu segundo período, durante a pandemia, decidi reoptar pelo curso de Administração Pública noturno, pois começaria a trabalhar em tempo integral, o que impossibilitaria a continuidade de um curso vespertino. Meus pais entenderam a mudança, afinal, era a única opção pra continuar trabalhando e estudando. Nessa transição, acabei cursando disciplinas de diversos períodos, acabei matriculado em diferentes turmas. O que também significa que eu não pertencia a nenhuma turma específica.

Com o tempo, fui me adaptando ao ritmo e às demandas do novo curso, mas também gostando da área que ele atuava: isso de pensar num todo ao invés de apenas no meu próprio nariz. Gradualmente, passei a produzir o que era solicitado com mais facilidade e eficiência. Aprendi sobre uma vasta gama de temas, incluindo cultura, economia, direito, organizações, dados contábeis e planejamento. Cada um desses elementos é crucial para a tomada de decisões eficazes na gestão de qualquer tipo de organização.

No âmbito da administração pública, a formação é voltada para a preparação de futuros líderes. Durante o curso, o estudo de políticas públicas se torna central, permitindo que compreendamos melhor as necessidades das pessoas e as estratégias para atendê-las. Esse enfoque também incentiva a criação de inovações para aprimorar os serviços oferecidos à sociedade.

Com essa experiência, comecei a entender mais profundamente o que meus pais haviam dito. Um curso superior nos dá conhecimento e

capacitação que possibilitam um desenvolvimento pessoal e profissional, e é dessa maneira que conseguiremos alcançar nosso tão sonhado “futuro promissor” e uma “vida confortável”.

Agora, próximo ao final do meu curso, sinto-me mais maduro e seguro em relação às possibilidades que o futuro reserva. A jornada pela universidade não apenas me preparou para o mercado de trabalho, mas também contribuiu significativamente para o meu crescimento pessoal, permitindo-me visualizar com mais clareza o caminho que desejo seguir.

[25 de agosto de 2024]

Livia Vitoria Martins da Silva

Ingressar em uma universidade é, sem sombra de dúvidas, um passo muito importante na vida de qualquer pessoa, gerando uma série de impactos - sejam eles positivos ou não. Para muitos, pode ser o suspiro para a possibilidade tangível de um futuro mais digno e com mais alternativas. Como era de se esperar, comigo não foi diferente. O impacto da entrada na universidade para mim pode ser mensurado em três etapas: o que me motivou, a minha entrada propriamente dita e qual o retorno isso me deu.

Vir de uma família limitada ao básico e com pouca perspectiva de crescimento pessoal não foi fácil. Muito antes de sonhar, você se depara com uma realidade pronta para te apontar o dedo e dizer que você não será capaz. Aliado a isso, tive exemplos dentro de casa que me fizeram enxergar um rumo que eu não queria seguir. Foi dessa maneira que encontrei a universidade pública como a única opção para uma pessoa como eu: com vontade romper o ciclo da falta de perspectiva de um futuro melhor. Sendo assim, a entrada na universidade teve um impacto gigantesco, pois representou a consolidação de um sonho que, até então, parecia distante. A entrada na universidade representou um alívio de quem viveu uma vida toda angustiada temendo o futuro. Dessa forma, a notícia de ser aprovada em uma universidade - e ainda por cima federal - era motivo de muita alegria.

A entrada na universidade, propriamente dita, foi uma vitória que carrego com orgulho, mas também com o peso das dificuldades que enfrentei para chegar até aqui. Quando fui aprovada na UFAL, em 2020, logo no início da pandemia, a alegria foi rapidamente substituída pela realidade desafiadora e incerta do ensino remoto. Desse modo, a UFAL, como muitas outras universidades, não estava preparada para essa transição. As aulas online foram postergadas por muito tempo para a análise de viabilidade, o que nos acarretou mais de um ano de atraso. Em casa, a situação era ainda pior. Assistir às aulas e

realizar as atividades exigia um esforço enorme, sem contar as constantes interrupções do ambiente doméstico.

Além disso, a pressão para ter um bom desempenho na universidade era imensa. Minha mãe depositava em mim suas esperanças de um futuro melhor. Ela acreditava em mim e que a universidade seria a chave para conquistarmos uma vida mais digna e isso me pesava. Eu também trabalhava como CLT, em uma rotina exaustiva que começava cedo e terminava tarde, muitas vezes sem tempo ou energia para estudar. O cansaço se acumulava e o medo de falhar me acompanhava diariamente. Cada dia era uma batalha para equilibrar as responsabilidades do trabalho, os estudos e as expectativas da minha família. No entanto, essa experiência me ensinou a ser resiliente e a valorizar cada conquista, por menor que fosse. Entrar na universidade não foi apenas uma vitória acadêmica, mas um testemunho de perseverança em meio às adversidades.

Então, mesmo após ter vivenciado dias difíceis em uma pandemia, isso não fez com que eu desistisse da ideia de cursar uma graduação e pensar a longo prazo. Dito isso, continuo percorrendo essa trajetória acadêmica. Confesso que não foi fácil. Não é fácil. O desânimo e a vontade de desistir já estiveram comigo em alguns episódios, mas o apoio que encontrei com os amigos que fiz na UFAL me fizeram ter forças para continuar sendo perseverante.

Por fim, o retorno que a universidade me trouxe foi transformador, muito além do que eu poderia imaginar ao ingressar. Apesar das dificuldades iniciais, as oportunidades que surgiram ao longo do curso abriram portas que antes pareciam inacessíveis. A participação em projetos de extensão me permitiu aplicar o conhecimento teórico em situações práticas, enriquecendo minha formação e expandindo minha visão de mundo. Além disso, as vivências inovadoras proporcionadas por programas da universidade me colocaram em contato com metodologias que ampliaram minhas habilidades. Sem contar que realizar o estágio em uma instituição nacional foi o ponto de virada, me conectando a uma rede de profissionais e culminando em uma oferta de emprego na capital de outro estado. Essa mudança não só trouxe estabilidade financeira, mas também a realização de sonhos antes distantes, como a possibilidade de ajudar minha família e construir um futuro próspero. A universidade, com todas as suas oportunidades, foi o trampolim que me levou a patamares que antes eu apenas ousava sonhar.

Hoje posso reconhecer que pude aproveitar da melhor forma cada oportunidade que tive. A universidade abriu portas inimagináveis para a minha qualificação profissional e pessoal. Graças à universidade pública, rompi com a crença limitante que tanto me assombrava. Vivenciei e continuo vivenciando

muitas coisas boas nessa jornada. O meu eu do presente será eternamente grato por todo o aprendizado que levarei da universidade.

[22 de agosto de 2024]

Gustavo da Silva Mota

Entrar na universidade foi um marco significativo na minha vida, representando a concretização de sonhos pessoais e familiares. Como estudante de administração pública, esse momento trouxe uma série de oportunidades, desafios e transformações. Aqui irei explorar os diversos aspectos dessa transição, incluindo as grandes oportunidades que surgiram, os medos que acompanham essa nova fase, a mudança na minha perspectiva de vida pessoal e profissional, o amadurecimento das minhas responsabilidades e a realização de um sonho, especialmente o de ver os filhos formados, uma aspiração que minha mãe sempre teve.

A entrada na universidade abriu um leque de grandes oportunidades para mim. A possibilidade de adquirir conhecimentos específicos na área de administração pública, participar de projetos de pesquisa, me envolver em atividades extracurriculares e em organizações estudantis foram algumas das vantagens que essa nova etapa ofereceu. Cada uma dessas experiências não só enriqueceu meu currículo, mas também expandiu minha rede de contatos profissionais, o que é essencial para meu futuro no mercado de trabalho. Participar de seminários, workshops e conferências me proporcionou a chance de aprender com especialistas renomados e de estar atualizado com as últimas tendências e práticas da administração pública.

Além disso, a oportunidade de estagiar no Sebrae foi um divisor de águas em minha trajetória acadêmica e de formação profissional. O estágio não apenas me proporcionou uma visão prática da administração pública, mas também me permitiu aplicar os conhecimentos adquiridos na sala de aula em situações reais. A experiência prática e o contato direto com projetos e desafios do mundo dos negócios ampliaram meu entendimento sobre a dinâmica da administração pública e abriram portas para futuras oportunidades profissionais. Trabalhar no SEBRAE me ensinou a importância da inovação e da adaptação, habilidades essenciais para qualquer carreira de sucesso. O aprendizado e as conexões estabelecidas durante o estágio foram fundamentais para meu crescimento profissional e contribuíram significativamente para minha formação como administrador público.

No entanto, junto com essas oportunidades, veio o medo do desconhecido. A mudança de ambiente, a necessidade de adaptação a novas

metodologias de ensino, a convivência com colegas e professores exigentes e a pressão por um bom desempenho acadêmico geraram ansiedade em mim. Esse medo, no entanto, é um componente natural do crescimento e pode ser superado com resiliência e determinação. Aprendi que enfrentar esses desafios é parte integrante do processo de amadurecimento e que cada obstáculo superado fortalece minha confiança e capacidade de enfrentar situações adversas no futuro.

A universidade também proporcionou uma nova visão de vida, tanto pessoal quanto profissional. A convivência com pessoas de diferentes origens, culturas e perspectivas ampliou meus horizontes e me fez perceber a riqueza da diversidade. As discussões em sala de aula e as interações no campus contribuíram para o desenvolvimento do meu pensamento crítico e para a construção de uma visão mais ampla e inclusiva sobre os problemas e soluções na administração pública. Como estudante de administração pública, isso significou desenvolver uma compreensão mais profunda das questões sociais, políticas e econômicas que impactam a gestão pública, preparando-me para contribuir de maneira significativa para a sociedade.

Outro aspecto fundamental dessa jornada foi o amadurecimento das minhas responsabilidades. A autonomia exigida na vida universitária me ensinou a importância da organização, da disciplina e da gestão do tempo. A necessidade de equilibrar estudos, atividades extracurriculares, trabalho e vida pessoal exigiu de mim um alto grau de comprometimento e planejamento. Aprendi a definir prioridades, a estabelecer metas claras e a trabalhar de forma eficiente para alcançá-las. Esse amadurecimento pessoal não só me preparou para os desafios futuros, mas também me ajudou a desenvolver habilidades essenciais para a minha carreira na administração pública.

Durante minha trajetória na universidade, pude vivenciar experiências que foram fundamentais para minha formação tanto pessoal quanto profissional. Um dos aspectos mais valiosos dessa fase foi a construção de amizades duradouras e significativas. Desde o início, fui cercado por colegas que compartilhavam interesses e objetivos semelhantes, o que criou uma rede de apoio essencial.

Essas amizades não apenas ofereceram suporte emocional e acadêmico, mas também foram cruciais para o desenvolvimento de minha identidade profissional. O ambiente colaborativo e o intercâmbio constante de ideias entre colegas ajudaram a moldar minha abordagem em relação à administração pública, permitindo que eu aprendesse e crescesse junto a outros futuros profissionais da área.

Por fim, entrar na universidade representou a realização de um sonho.

Para mim, em particular, foi a concretização de um desejo familiar profundo, especialmente da minha mãe, que sempre sonhou em ver seus três filhos formados. Eu, enquanto caçula da família, fui o primeiro a ingressar em uma universidade pública, mas minha irmã mais velha foi a primeira da família a conquistar o tão sonhado diploma. Esse momento é, portanto, um tributo ao esforço e ao apoio incondicional que recebi ao longo da minha trajetória educacional. A satisfação de alcançar esse objetivo é indescritível e reforça a importância da educação como meio de transformação pessoal e social.

Entrar na universidade foi um passo transformador, repleto de oportunidades, desafios e crescimento. Como estudante de administração pública, essa fase foi crucial para meu desenvolvimento acadêmico e profissional, assim como para meu amadurecimento pessoal. Mais do que uma conquista individual, foi a realização de um sonho coletivo, simbolizando a dedicação e o empenho de toda a minha família. Esse marco inicial é apenas o começo de uma jornada que promete muitas realizações e contribuições significativas para a sociedade. A experiência universitária me proporcionou as ferramentas e a confiança necessárias para enfrentar os desafios futuros e para atuar de maneira eficaz e ética na administração pública, contribuindo para o bem-estar e o desenvolvimento da nossa sociedade.

[15 de agosto de 2024]

Cláudia de Brito Silva

Para um estudante de ensino médio, a maior preocupação é entrar em uma universidade. Esse é o foco, o objetivo, o SONHO. Agora, imagine passar anos da sua vida tentando o ENEM e não conseguir entrar num curso superior. Pois é, foram sete anos da minha vida para conseguir - e isso foi frustrante.

Pensei em ser pediatra, nutricionista, dermatologista, fisioterapeuta; considerei em fazer apenas um curso de RH ou então de logística; pensei ainda ser pedagoga e em ser perfumista, ainda fiz um curso de maquiagem e quis cursar estética.

Verdadeiramente, parecia que eu me tornaria uma sonhadora sem nenhum sonho realizado e, nesse meio tempo, foram muitos os planos feitos e desfeitos. Assim, passei a me interessar por concursos públicos e, com isso, pensei e consegui ingressar no curso de Administração Pública.

Algo interessante na vida dos seres humanos é a imaginação; nela, podemos ser o que quisermos. Imaginava, ainda na minha adolescência, entrar na UFAL para ser médica, ficar rica e poder ajudar toda a minha família. Sair do ensino médio e ingressar logo em uma universidade seria o auge de uma

trajetória. Mas, e para alguém que entrou no ensino superior somente após anos de batalha, seria o “Até que enfim”? Confesso que, apesar de tudo, a minha reação foi de gratidão a Deus, porque mudanças aconteceram na minha vida e Administração Pública na UFAL foi algo que estava nas minhas orações. Na palavra d’Ele diz que há um tempo para todas as coisas e, em 2020, com quase 25 anos, foi o início desse tempo.

Uma coisa é certa, nem tudo é do jeito que pensamos, e assim foi na UFAL. Começamos a turma com 40 alunos, vivenciamos um período pandêmico inesperado e chocante, iniciamos com aulas remotas, e voltamos, só no quarto período, às aulas presenciais. Fiquei gestante no sexto período, e conciliar trabalho, casa, filha recém-nascida e estudos me fez querer desistir.

Essa ideia de desistir me acompanhou até o oitavo período, mais ou menos. Além da minha família, foi na UFAL que conheci pessoas que não deixaram isso acontecer. Apesar de, nessa caminhada ter restado um pouco mais de meia dúzia de colegas, eu agora vejo que mais difícil do que entrar, é permanecer na Universidade. Antes de levar essa bagagem, já carregávamos outras e, quando o fardo é muito pesado, temos que abrir mão de algo.

Mas veja como são as coisas: oramos, queremos, pedimos, desejamos e, quando conseguimos, reclamamos – e olhe que não é pouco. Foram muitos trabalhos para pouco tempo, foi puxado, e desejamos concluir o mais rápido possível.

Imagine um estudante universitário que precisa entregar resenha de dezenas de páginas em poucos dias, além de estudar para provas e se preparar para apresentação em grupo com os colegas de classe. Às vezes, estamos só com o corpo presente na aula, mas a nossa mente está ocupada pensando nos prazos que se aproximam, nas tarefas que precisam ser feitas e até mesmo nas nossas preocupações pessoais. E isso é normal.

Contudo, a minha entrada na UFAL não deixou de ser um sonho realizado, um presente almejado, algo que está sendo plantado para, em um futuro (não distante), ser desfrutado. Nada foi em vão; foram conhecimentos adquiridos, foram pessoas que se tornaram amigos, foi crescimento profissional e pessoal, foi algo vivido. E por mais que eu queira terminar, depois que tudo isso passar, estarei com a sensação de dever cumprido e o coração cheio de gratidão. Eu sei que sentirei saudades.

[25 de agosto de 2024]

Denise Rodrigues dos Santos

Após a conclusão do ensino médio, meu sonho de ingressar em uma

universidade se intensificou ainda mais. Não bastava cursar qualquer curso. Eu queria um que me levasse a trabalhar na área administrativa, esse era o meu principal objetivo.

No entanto, logo após a conclusão do ensino médio, esse objetivo não pôde ser alcançado. Fui confrontada com a difícil escolha entre estudar ou trabalhar, uma vez que minha família não tinha condições de me sustentar na universidade, mesmo numa gratuita. Comecei a trabalhar, mas infelizmente não foi possível conciliar trabalho e estudo. Em seguida, engraidei e me casei - momentos de felicidade. Porém, minha rotina e prioridades mudaram completamente, e estudar deixou de estar no topo delas.

Depois de dez anos, finalmente consegui entrar na universidade federal no curso que desejava. Nesse momento, minha filha tinha crescido, e meu trabalho podia ser conciliado com os estudos. Apesar disso tudo, ainda seria um grande desafio, mas estudar voltou a ser uma prioridade.

Surgiram dúvidas angustiantes sobre como seria voltar a estudar: Será que conseguiria fazer os trabalhos acadêmicos? No ensino médio, não havia trabalhos que se assemelhassem aos universitários. Como conciliar emprego, casa, filha e universidade? Esse era o grande desafio a ser enfrentado. O deslocamento de casa até a faculdade, que levava cerca de uma hora, tornava a vida acadêmica ainda mais cansativa.

A pandemia chegou e atrapalhou tudo em termos de ensino, pois as aulas online não tinham o mesmo engajamento que as presenciais. Apesar disso, para mim, o fato de não precisar me deslocar até a faculdade foi um ponto positivo. Trabalhava em um turno que ia das 06:30h às 13:30h, portanto tinha o período da tarde para cuidar da casa, da minha filha, (que estudava no mesmo período em que eu estava trabalhando) e com isso as vezes também sobrava tempo para estudar.

Nos primeiros períodos, enfrentei muitas dificuldades. Parecia que o curso não era exatamente o que eu queria e, a cada semestre, a vontade de desistir aumentava. No entanto, havia amigas que me incentivavam a continuar, e eu fazia o mesmo por elas. A vontade de desistir estava ligada ao fato de que acreditava que estava no curso de administração errado, pois sempre trabalhei no setor privado, e a área pública nunca foi algo desejado. Busquei tirar, de tudo que aprendia, algo para o setor privado - sim, tem coisas em comum, da mesma forma que existem coisas distintas. Sei que o setor privado pode trabalhar em conjunto com o setor público, e isso me motivava. Com muito esforço, consegui uma promoção no meu trabalho e participo da tão sonhada área administrativa.

Consegui o meu objetivo mesmo sem terminar o meu curso, porém sei que estar estudando foi de grande importância para que isso tivesse acontecido.

Estamos agora próximas de finalizar as disciplinas. Concluir as disciplinas não é tudo. Ainda tenho o estágio pendente e o temido TCC para enfrentar. Estou prestes a começar o estágio, embora muitos dos meus colegas já o tenham feito ao longo do curso. Como o meu trabalho não era válido para o estágio e não era possível conciliar trabalho, estágio e faculdade, acabei adiando. Agora, devo encontrar uma maneira de fazer isso acontecer.

O TCC é meu grande desafio, pois não tenho muita habilidade na escrita. Minha dificuldade de conciliar o que muitos autores querem falar atrapalha o meu desenvolvimento. E há, ainda, a minha mente pessimista - ela está sempre pensando que talvez não consiga entregar tanta coisa a ser escrita, e muitas vezes me deixa sem dormir. Acredito que seja uma tensão que todos aqueles que estão fazendo ou que já fizeram já vivenciaram. Mas, se eu quiser um diploma, tenho que me esforçar mais e fazer.

Olhar para a trajetória até aqui me enche de orgulho e me faz perceber o quanto cresci, tanto pessoal quanto profissionalmente. Apesar dos inúmeros desafios enfrentados ao longo do caminho, desde as dificuldades de conciliar trabalho, família e estudos até as incertezas sobre o curso, persisti na busca pelo meu sonho de trabalhar na área administrativa. A conquista de uma promoção antes mesmo de concluir o curso é uma prova de que todo o esforço valeu a pena e que os conhecimentos adquiridos na universidade foram fundamentais para esse avanço. Agora, com as disciplinas quase concluídas, me preparo para enfrentar os últimos desafios, como o estágio e o TCC, com a mesma determinação que me trouxe até aqui. Sei que ainda há muito a ser feito, mas estou confiante de que, com empenho e dedicação, alcançarei o tão sonhado diploma, fechando esse ciclo de superação e realização pessoal.

[10 de agosto de 2024]

Evelli Pinheiro Santos

Entrar na faculdade foi um marco significativo, não apenas para mim, mas também para minha família. Esse momento simbolizou a realização de um sonho coletivo, compartilhado por todos que me apoiaram ao longo da jornada, como meus pais, que sempre valorizaram a educação, e outros familiares que acreditavam no poder transformador do conhecimento. Para meu pai e minha mãe, chegar à universidade era um sonho porque representava a possibilidade de eu alcançar novas oportunidades, dar um continuidade ao exemplo que existe em casa. Minha mãe é formada em pedagogia e sabia da importância desta formação. Já meu pai conseguiu fazer apenas até o quarto ano do ensino fundamental e sabia das dificuldades da falta de formação.

Ao entrar na universidade, consegui validar todo o esforço, sacrifício e persistência que me abriram as portas para um mundo de possibilidades. O orgulho que senti foi imenso. A conquista de uma vaga na universidade, especialmente em uma instituição federal, trouxe um sentimento de realização pessoal e um enorme orgulho familiar.

Como tudo nessa vida, essa experiência não está isenta de dificuldades. A adaptação a um novo estilo de vida (pois precisaria organizar de uma maneira nova a minha rotina), a pressão para se destacar e, muitas vezes, até mesmo a dificuldade de chegar até o campus (por ser muito distante, eu preciso pegar dois ônibus), sempre foram fontes de desgaste. Contudo, são nesses momentos de adversidade que descobri minha força e capacidade de superação. Além de contar com pessoas que sempre me incentivaram a continuar - em casa e, também, dentro da universidade.

Ter amigas dentro da universidade é fundamental para todo mundo. Essas conexões não só tornam a experiência acadêmica mais leve e agradável, como oferecem um suporte emocional essencial durante os desafios e estresses dessa fase. Amigos com quem se pode compartilhar vivências semelhantes, que entendem as pressões dos estudos, que pude compartilhar experiências com professores, principalmente as que não são tão boas, e, muitas vezes, que se tornam uma rede de apoio para trocas de conhecimento e experiências. Além disso, essas amigas contribuem para o crescimento pessoal, oferecendo diferentes perspectivas e fortalecendo habilidades sociais e de trabalho em equipe. Então, construir laços de amizade na universidade enriqueceu a minha jornada acadêmica e me proporcionou lembranças e laços que, com certeza, durarão pela vida inteira.

Como ponto positivo, ao longo do meu tempo na universidade, pude explorar e desenvolver significativamente meu potencial intelectual. Além de aprimorar minha habilidade de falar em público, também desenvolvi outras habilidades, como pensamento crítico e resolução de problemas, com mais facilidade em avaliar e analisar informações de formas mais objetivas, que, no nosso curso, sempre me pareceu importante. Sinto que minha atitude em relação à timidez mudou consideravelmente; me tornei mais proativa e segura em tomar a iniciativa. Minha autonomia e organização também melhoraram, me permitindo gerir melhor o meu tempo e responsabilidades.

No que diz respeito ao desenvolvimento pessoal, ao comparar com o tempo do ensino médio com atualmente vejo uma transformação significativa. No ensino médio, eu me via como alguém mais inseguro e preocupado em me adequar às expectativas dos outros. Hoje, sinto que tenho uma identidade mais definida e autêntica, baseada em valores e crenças que foram fortalecidos

durante minha jornada acadêmica e pessoal na universidade. Essa mudança reflete um crescimento não só intelectual, mas também emocional e social.

Contudo, a vida universitária foi, e continua sendo, uma jornada de autoconhecimento e crescimento. É um momento de explorar novas ideias, de se apaixonar por um campo de estudo e de começar a construir um caminho próprio.

É uma fase que, apesar dos desafios, é repleta de oportunidades e descobertas, deixando marcas profundas e me preparando para a vida profissional e pessoal que está por vir. E agora chegou o desafio final: o TCC, é muito complexo, tem muitas questões e precisa de um foco só nele, em meio a correria de outras disciplinas e trabalho, fica muito mais difícil conseguir fazer ele. Apesar de toda dificuldade, a vontade de conseguir é maior que tudo, então, sem dúvidas, vou conquistar mais essa vitória.

[27 de agosto de 2024]

PANDEMIA E AULAS POR COMPUTADOR

Denise Rodrigues dos Santos

A pandemia trouxe profundas mudanças na rotina de muitas pessoas, mas a minha foi relativamente preservada, pois o meu trabalho continuava funcionando normalmente. Era um espaço onde foi possível respeitar todas as restrições estabelecidas. No entanto, ingressar na universidade durante esse período gerou uma série de incertezas. A expectativa inicial era de conhecer colegas, professores e se familiarizar com o funcionamento da universidade, algo que parecia distante devido à situação.

Quando foi decidido realizar um semestre excepcional online, me inscrevi. Apesar de o período online ser opcional, eu desejava aproveitar essa chance para reduzir a carga de disciplinas. No entanto, enfrentei dificuldades com o acesso ao e-mail e acabei perdendo o prazo de confirmação. O resultado final foi a minha não participação.

Quando as aulas online realmente começaram para mim, foi uma experiência nunca vista, pois envolvia conhecer colegas e professores de uma maneira totalmente diferente. O uso da câmera e do microfone do computador era estranho, e tive dificuldades em formar grupos de trabalho, uma vez que o engajamento entre os colegas foi prejudicado. Meu comportamento reservado em relação a pessoas que ainda não conheço agravava essa dificuldade.

As aulas online apresentavam alguns aspectos positivos, como a possibilidade de estar em casa e realizar outras atividades simultaneamente. No entanto, às vezes o pessoal exagerava. Aconteceu um episódio que me deixou em apuros: fui para um aniversário mesmo sabendo que tinha aula, pois a comodidade das aulas online me permitia fazer ambas as coisas. Em um certo momento fui chamada na aula e ao terminar de falar esqueci de desligar o microfone. Simplesmente voltei para o aniversário e só percebi que o microfone estava ligado quando fui chamada atenção pelo professor. Involuntariamente todos participaram dos parabéns.

Evidentemente, podemos concordar que, às vezes, as aulas não receberam a atenção necessária.

Minha rotina consistia em trabalhar das 6h30 às 13h30, cuidar das responsabilidades domésticas e familiares, e ainda reservar um tempo para estudar e fazer os trabalhos acadêmicos. Quando as coisas começaram a normalizar, pudemos finalmente conhecer a universidade e os colegas que antes víamos apenas online. Porém, com o retorno às aulas presenciais, minha rotina sofreu mudanças significativas.

Para chegar na universidade, eu gasto cerca de duas horas, pois o trajeto vai da saída do meu bairro até o centro da cidade de Junqueiro, onde é

feita uma troca de ônibus, para então seguir viagem até a cidade de Arapiraca. Para conseguir pegar o ônibus tenho que sair de casa as 17:30h e, devido a todo esse trajeto que também inclui outras faculdades, só consigo chegar a universidade as 19:30h. Já no retorno para casa, gasto cerca de uma hora e meia. A impressão que tenho é que gasto mais tempo no caminho que na própria universidade. Essa rotina feita todos os dias era muito cansativa - acordar cedo e dormir tarde - além de ter que dar conta de ajudar a filha nos seus estudos, o marido e cuidar da casa. Por isso as aulas online tinham seus pontos positivos e um deles era a questão do deslocamento, junto com o tempo em que haja vista tinha sido diminuído.

Esse deslocamento se tornou um ponto negativo das aulas presenciais, algo bastante cansativo tanto na ida quanto na volta. O resultado era menos tempo disponível para concluir os trabalhos. Exatamente o contrário do período online, quando o tempo parecia mais abundante.

Mas, estava ansiosa para finalmente conhecer pessoalmente colegas, professores e explorar a universidade. Algumas impressões formadas durante as aulas online foram modificadas, enquanto outras se confirmaram.

No modo presencial as conversas com os professores fluem melhor, e foram muito marcantes as conversas que tive com um professor que fez com que eu não desistisse do curso de Administração Pública. Eu ainda tinha algumas dúvidas sobre o que, de fato, era esse curso. As conversas me fizeram continuar, pois em especial as disciplinas deste professor conseguiram ser aplicadas no exercício diário do meu trabalho, mesmo este não sendo na área pública. Apesar de algumas amizades terem se consolidado, muitos colegas desistiram do curso, e alguns até permaneceram como completos desconhecidos para mim.

Por fim, a transição entre o ensino online e presencial durante a pandemia revelou tanto desafios quanto oportunidades. A adaptação ao formato online trouxe novos modos de interação e aprendizado, mas também expôs dificuldades, como a falta de engajamento e as distrações em casa. O retorno às aulas presenciais, por sua vez, trouxe a expectativa de uma experiência universitária mais completa e enriquecedora, mas também impôs o desafio do deslocamento e a necessidade de ajustar a rotina para conciliar estudo e vida pessoal. Essa jornada destacou a importância da flexibilidade e da resiliência frente às mudanças inesperadas.

[25 de agosto de 2024]

Cláudia de Brito Silva

Após sete anos sem viver a rotina de aulas presenciais, a expectativa de voltar ao ambiente acadêmico era enorme. O reencontro com colegas, a interação com novos professores, e a imersão nos conteúdos abordados despertavam tanto entusiasmo quanto ansiedade. No entanto, ninguém poderia imaginar que estávamos prestes a enfrentar um dos maiores desafios da humanidade, com uma inesperada pandemia de COVID-19.

A pandemia trouxe um impacto profundo, não só na sociedade em geral, mas também na vida acadêmica. A UFAL teve que fechar suas portas temporariamente, e todos nós fomos obrigados a nos adaptar à nova realidade do ensino remoto. Iniciei meus estudos no Período Letivo Excepcional (PLE), onde consegui adiantar duas disciplinas, incluindo "Introdução à Economia" que logo se tornou minha favorita. Durante esse período, criei um laço de amizade com Eduarda - e somos amigas até hoje. Ela foi alguém com quem eu compartilhava tanto as dificuldades quanto os aprendizados. Juntas, revisávamos os conteúdos abordado das matérias.

Entretanto, a ideia de trancar o curso sempre nos rondava. Assim, Eduarda, por exemplo, decidiu interromper seus estudos no terceiro período. E ela não foi a única. A quantidade de alunos diminuía a cada período, primeiro nas aulas remotas, mas a queda continuou quando se tornaram aulas presenciais. Ver tantos colegas desistindo me fez questionar minha própria jornada acadêmica.

É fato que vários fatores contribuíram para essas desistências, e não acredito que a pandemia tenha sido o principal deles. Aqueles que desistiram durante o ensino remoto, em minha opinião, foram corajosos ao reconhecer que o curso não era o que realmente desejavam. No entanto, não descarto que alguns possam ter sido influenciados por uma má interpretação de uma aula, já que isso pode acontecer pela complexidade do assunto abordado; ou pelas "panelinhas" formadas (aqueles que já tinham afinidades e que já tinha os grupos certos para as apresentações de trabalhos); ou pela sobrecarga de atividades que se faziam acumular.

Por outro lado, os que desistiram no meio do curso, já durante as aulas presenciais, talvez tenham ficado sem coragem de trancar no início e preferiram continuar na esperança de que as coisas melhorariam. Contudo, a rotina exaustiva de estar todos os dias na UFAL, especialmente quando se percebe que não há identificação com o curso, acaba se tornando insustentável. E há, ainda, aqueles que desistiram perto do fim. Embora possa parecer um "tiro no pé", não os julgo, pois por diversas vezes pensei em fazer o mesmo. Mas, também criei um forte vínculo com as alunas: Denise e Evelli, elas não me

deixaram desistir, oferecendo sempre apoio.

Com tudo isso, as aulas on-line durante a pandemia foram um compromisso rotineiro para mim - pode-se dizer que fui bastante assídua durante esse período. Nas aulas presenciais, já não posso dizer o mesmo. Talvez tenha me acostumado com a praticidade das aulas remotas, realizadas pelo computador/celular, mas confesso que o ensino presencial é bem mais amplo. E mesmo com todos os acontecimentos durante esses longos anos de uma vida universitária, felizmente, alguns colegas continuam na luta comigo, e eles foram fundamentais para que eu me mantivesse no rumo.

[25 de agosto de 2024]

Gustavo da Silva Mota

Em meados de 2020, o mundo foi profundamente impactado pela eclosão da pandemia global de COVID-19, um evento sem precedentes que desencadeou uma série de mudanças significativas em diversos setores da sociedade, incluindo o campo da educação. O fechamento abrupto de escolas e universidades em todo o mundo impôs um desafio inédito ao ensino tradicional, exigindo uma adaptação rápida e forçada ao formato digital. A transição para aulas online, motivada pela emergência sanitária, revelou tanto o potencial quanto as limitações da educação à distância.

Para mim, a entrada na universidade durante esse período de pandemia foi marcada por uma experiência particularmente impactante. No dia 16 de março de 2020, ao invés de ser recepcionado com as tradicionais boas-vindas de uma calourada, fui informado de que as atividades estavam suspensas e que deveria retornar para casa. Naquele momento, a gravidade da situação ainda não era plenamente compreendida, e o sentimento de frustração por não poder vivenciar a tão esperada recepção de calouros foi intenso. No entanto, essa frustração inicial rapidamente deu lugar a uma reflexão mais profunda sobre a situação.

Ao analisar o impacto da entrada da turma durante a pandemia e a implementação das aulas remotas, é evidente que a experiência foi singular tanto para os alunos quanto para os professores e instituições de ensino. A adaptação abrupta ao ensino online apresentou benefícios e desafios. Por um lado, a modalidade remota proporcionou flexibilidade para muitos alunos que enfrentavam dificuldades relacionadas a transporte e compromissos profissionais, facilitando o acesso ao ensino. Por outro lado, a falta de interação presencial e a constante exposição a telas geraram desafios significativos. O isolamento social resultante da pandemia criou um ambiente em que muitos

alunos enfrentaram dificuldades psicológicas e uma sensação de desconexão, prejudicando a experiência educacional.

Pessoalmente, a mudança para um ambiente de ensino virtual foi um desafio, especialmente para alguém que valoriza a interação face a face e o contato direto com colegas. A comunicação através de plataformas digitais, como o WhatsApp e as videochamadas, revelou-se limitada, dificultando a formação de novas amizades e o estabelecimento de conexões significativas. Embora as aulas por videoconferência tenham possibilitado alguma interação, a resistência de muitos a abrir microfones e câmeras contribuiu para uma experiência de aprendizado menos envolvente.

Com o tempo, estabeleci uma conexão com dois colegas, Lucas Gabriel e Lívia, que enfrentavam desafios semelhantes, sentindo-se igualmente excluídos devido à ausência de interação presencial e à falta de vínculos com outros membros do grupo. A falta de familiaridade com os demais alunos e o fato de que Lívia e Lucas serem bastante reservados contribuíram para essa sensação de exclusão. Antes do início das aulas remotas, não tínhamos um contato regular e não nos conhecíamos previamente. A nossa interação começou de forma fortuita através de um trabalho em grupo designado por um professor, que nos reuniu.

Inicialmente, a comunicação se restringia ao básico do trabalho, mas gradualmente desenvolvemos uma relação mais descontraída e informal, passando a fazer brincadeiras e a formar uma espécie de "panelinha", que denominamos de "três mosqueteiros". Na medida do tempo percebemos que as diferenças de um completavam o outro, e assim por diante. Hoje percebo que isso foi o que embalou uma grande conexão entre os três.

À medida que os trabalhos e as aulas avançaram, mantivemos contato frequente, muitas vezes realizando chamadas de WhatsApp que se prolongavam por 5, 6 horas ou até mais. Durante essas chamadas, além de trabalharmos, conversávamos sobre diversos assuntos, incluindo críticas sobre as aulas e comentários sobre outros alunos.

Embora eu seja o único a ter permanecido fixo no curso, a rede de apoio mútua que formamos foi essencial para manter nossa motivação e engajamento, tanto o meu quanto o dos meus dois colegas.

Infelizmente, essa não foi a realidade para todos os alunos. Muitos desistiram ao longo do caminho devido às dificuldades em se adaptar ao formato remoto, exacerbadas pela monotonia e pela falta de contato direto com os colegas. A experiência demonstrou a importância da interação social no ambiente acadêmico e ressaltou a necessidade de estratégias que possam apoiar

melhor os alunos em situações de ensino a distância.

[2c de agosto de 2024]

Livia Vitoria Martins da Silva

No começo de 2020, entrei na UFAL com o coração cheio de expectativas. Vinha de uma família humilde e ser a primeira a ingressar em uma universidade pública era um orgulho imenso. O primeiro dia de aula seria marcado pela tradicional calourada, o momento em que nós, novatos, iríamos nos conhecer, nos ambientar e comemorar essa nova fase da vida. Porém, a realidade bateu à porta: justo no dia que deveria ser um dos mais felizes da minha vida, soube que as aulas estavam suspensas devido à pandemia do COVID-19.

Naquele momento, senti um misto de ansiedade e desespero. Toda euforia e esperança que tinham me acompanhado até ali se transformaram em uma angústia com prazo de validade indeterminado. O que seria do meu futuro agora? A sensação de estar sendo puxada para um buraco, de fazer parte da geração "Nem-Nem" – aqueles que nem estudam, nem trabalham – era sufocante. O medo de ver meus sonhos desmoronarem antes mesmo de começarem a se concretizar me atormentava a partir dali.

A UFAL, assim como muitas outras instituições, não estava preparada para a mudança repentina que a pandemia impôs. O ensino remoto, que parecia ser a única solução possível, demorou a ser implementado, e, quando finalmente foi, ficou evidente que não havia organização suficiente para suportar a transição. Assim passaram-se meses... mais de um ano inteiro, até que as aulas realmente comesçassem. Esse atraso gerou uma sensação de estagnação, de um tempo perdido que nunca mais seria recuperado. Meu curso, que deveria durar um pouco mais de quatro anos, já estava comprometido desde o início.

Em casa, a situação não era menos complicada. Embora minha família estivesse orgulhosa de mim, não compreendia totalmente a seriedade da situação. Não tínhamos uma estrutura adequada para o ensino remoto. A internet era ruim e caía frequentemente durante o acesso às aulas. Além disso, o espaço físico também não ajudava. Morando em uma casa pequena e barulhenta, era quase impossível encontrar um lugar silencioso para estudar. Quando eu conseguia me concentrar, tinha que lutar contra a distração e a falta de foco.

Além disso, o sentimento de isolamento foi se intensificando. Todos os sonhos com a vida universitária, em fazer amigos, participar de grupos de estudo, ir a palestras e eventos foram substituídos por uma tela de computador. Não havia

aquela troca de ideias, o apoio dos colegas e a sensação de pertencimento.

A desorganização na UFAL, combinada com as limitações de minha casa, tornou tudo ainda mais difícil. Cada dia que passava, a pressão aumentava. Sentia que, a cada mês de aulas atrasadas, ficava mais distante do meu sonho de me formar e construir um futuro melhor para mim e para minha família. Sendo assim, foi um período de muita luta. A ansiedade foi se tornando uma realidade, além do desespero de não saber o que viria a seguir e a frustração de me enxergar em um “limbo educacional” era frustrante. Havia dias em que sentia vontade de desistir, de simplesmente parar de tentar. Mas juntei forças e continuei.

Hoje, ao olhar para trás, vejo que esse período me ensinou muito sobre persistência. Aprendi a me adaptar, a procurar soluções para os problemas que iam aparecendo e, principalmente, a não perder de vista meus objetivos. Apesar de todos os atrasos e dificuldades, sei que essa experiência me tornou mais forte e madura.

Por fim, ainda que tenha sido um começo universitário muito diferente do que imaginei, sigo em frente com a certeza de que, apesar dos desafios, posso superar qualquer obstáculo - uma pandemia estava fora de qualquer cogitação e, ainda assim, consegui vencer. E mesmo que a pandemia tenha tentado me fazer desanimar, luto todos os dias para provar que com determinação podemos superar qualquer dificuldade.

[27 de agosto de 2024]

Pancho Belo Cavalcante Romariz

Nossa turma começaria a estudar bem no dia em que foi decretado o lockdown. Não tivemos a oportunidade de começarmos o curso com aquela aura de novidade, de conhecermos melhor as pessoas gradualmente, de criar laços novos e fazer amizades. Nosso contato se dava pelo WhatsApp, nossas aulas foram pelo Google Meet - bem-vindo à revolução da internet em um curso presencial! Pense nisso: juntar uma turma de novatos, todos desconhecidos, pelo menos para mim, e assistir aula de professores que você nunca viu na vida, tudo isso pelo celular ou pelo computador...

Pode ser difícil de primeira, mas pode ser ainda mais dependendo de vários fatores. Eu compreendo a dificuldade de muitos dos meus colegas no início, muitos entrando na universidade pela primeira vez, cheios de uma imagem moldada por séries ou filmes *teens* - sem considerar o fato de que estamos no interior de Alagoas, no nordeste do Brasil e iniciando o curso com uma

pandemia. Lógico que algo muito diferente iria acontecer com a nossa turma.

Para mim, as aulas à distância não foram tão difíceis, mas eu também concordo que não sou muito normal. Somando a maturidade ao fato de eu preferir estar sozinho, as aulas por computador foram até bacanas: eu tinha mais tempo em casa para as atividades do dia a dia e conseguia me cobrar e cumprir as leituras e tarefas diárias. Além disso eu não sou muito sociável (*plot twist!*), eu realmente prefiro estar só: onde as pessoas falam, eu sou o que ouve, o que primeiro absorve para só depois dar uma opinião ou me enturmar - exceto se o assunto é aprender. Porém, até para a minha surpresa, não foi bem assim que aconteceu.

Tudo era novo para todo mundo e, durante as aulas, praticamente nenhum aluno falava nada quando era perguntado ou quando havia o nosso espaço de fala. Era aí que eu rompia o silêncio, e comentava, respondia ou perguntava, mesmo sendo mais introspectivo. Inclusive, esse contato apenas virtual e essa tomada de dianteira para falar na aula causou alguns mal-estares. Tive dois atritos com um mesmo professor nas aulas remotas que foram basicamente resultados de mal-entendidos - é difícil você conseguir ser percebido como é, ou mesmo perceber o outro como ele é, através de uma janelinha de computador - e, além disso, alguns alunos me viam como um bom aluno por participar, mas outros me achavam insuportável.

Todas essas eram impressões do virtual que a convivência presencial foi esclarecendo e fazendo com que todos nós ficássemos mais próximos ainda, tanto a turma em si quanto eu com esse professor. Precisamos ter em mente que todos nós temos a nossa história, as nossas lutas internas e que respondemos aos outros e ao mundo conforme a nossa própria ótica. E nem sempre os nossos óculos estarão limpos. O fato é que nunca deixe de falar, ou de agir ou de seguir em frente pensando no que os outros vão achar de você. Busque melhorar como pessoa para também melhorar quem está próximo de você, com humildade, é isso que importa.

Enquanto para mim foi tranquilo, muitas pessoas foram deixando o curso na nossa fase virtual. Não sabemos se as aulas remotas foram um fator preponderante, mas pode ter interferido, e muito, na evasão dos colegas de turma. O processo de aprendizagem também é prejudicado, porque é muito melhor para interagir e aprender com a aula presencial. Quando voltamos, salvo engano, estávamos no quarto período e acredito que quase a metade da turma já havia evadido. Mas ainda assim eu lembro da sensação boa de associar as fotos nos quadrantes do *google meet* aos rostos que eu via e, mesmo nós tendo passado um bom tempo sem nunca nos vermos pessoalmente, era como a gente se a gente se conhecesse de certa forma e, ao passo em que a turma diminuía,

período após período, nós ficávamos mais próximos.

Talvez este tenha sido o maior efeito da pandemia na nossa turma: a mesma força que - aqui eu estou supondo - o vírus de Wuhan causou à diminuição em massa dos alunos da nossa sala também resultou na aproximação cada vez mais forte dos que permaneciam. Como se nos uníssemos para sobreviver nesse caminho que, se você pensar bem, não é tão fácil no geral. São quatro anos e meio viajando, numa jornada dupla, muitas vezes tripla e você percebendo que mais gente desistia a cada novo período! O efeito manada seria realmente desistir! Mas não desistimos. Participar da vida acadêmica, sendo monitor, e participando de projeto de extensão também me ajudou a aprofundar laços e dar mais sentido à minha permanência na UFAL. Hoje, nossa turma está em seis ou sete alunos, e mais próximos do que nunca! Eu fico feliz pelo que eu vivi durante esses anos e agradeço tanto aos professores quanto aos amigos e colegas de universidade que me ajudaram, muitas vezes sem nem saber, a chegar até aqui.

[2c de agosto de 2024]

Evelli Pinheiro Santos

Durante a pandemia, minha experiência na faculdade foi uma mistura de desafios e alívios. Justamente quando seria nosso primeiro dia de aula, a pandemia começou. Todos achávamos que ela logo iria acabar e tudo voltaria ao normal, mas não foi bem assim. Como aluna, vivi momentos tanto positivos quanto negativos.

Por um lado, eu estava muito ansiosa e esse tempo em casa serviu para me acalmar e permitir que eu começasse a me acostumar um pouco mais com essa nova rotina, experiência, pessoas. A flexibilidade das aulas online me permitiu organizar melhor meu tempo. Sem a necessidade de deslocamento, ganhei horas extras que pude dedicar aos estudos e relaxar um pouco mais, pois a tensão pós matrícula e toda ansiedade por essa nova etapa da minha vida estava grande.

Outro ponto positivo foi o desenvolvimento da minha autonomia. Com a ausência de interações presenciais e da estrutura tradicional das aulas, tive que me tornar mais proativa e responsável pelo meu próprio aprendizado. Aprendi a lidar com novas tecnologias (algo com que sempre tive dificuldades), a pesquisar de maneira independente e a me adaptar a diferentes formas de ensino - isso me ajudou a desenvolver habilidades que certamente serão úteis no futuro, como na questão da tecnologia.

No entanto, nem tudo foi fácil. A falta de interação presencial com colegas e professores foi um grande desafio, principalmente porque sempre tive problemas com interação, sempre fui muito tímida e nervosa nisso. A vida acadêmica virtual acabou tornando tudo muito mais difícil. Sentia falta das conversas informais, das discussões em sala, e do apoio que o ambiente universitário (eu imaginava) me proporcionaria. A sensação de isolamento foi constante, o que afetou minha motivação e, em alguns momentos, meu desempenho acadêmico. Além disso, a sobrecarga de atividades online e a necessidade de estar sempre conectada geraram um cansaço mental que eu nunca tive antes. Minha vida naquele momento era totalmente virtual, e isso gerou um desgaste mental muito grande - pelo menos, essa foi a impressão que tive.

Também houve as dificuldades com professores, afinal nem todos conseguiram se adaptar direito a esse novo modelo de aula, inclusive com os imprevistos que poderiam acontecer. Uma vez tive problemas com internet e não consegui realizar a prova. O professor não deixou fazer em outro horário, e isso resultou em minha reprovação. E, dependendo da aula, tornou-se difícil estabelecer uma conexão todos os professores. Minha timidez deixava tudo ainda pior, eu sempre evitava falar e interagir nas aulas.

Desentendimentos com colegas também aconteciam sempre, tudo era muito intenso. A primeira impressão de alguns não foi tão boa, tive uma ruim impressão sobre um colega quando, em uma das aulas, pedi que avisasse ao professor que eu estava sem microfone. Tive uma desagradável resposta que, no momento, achei desnecessária. Passei a não gostar desse colega, até que ele saiu do curso e não tivemos mais contato. No entanto, também fiz ligações que mantenho até hoje. Então, esse período, ao mesmo tempo, me afastou e me aproximou de alguns.

Por fim, embora tenha enfrentado dificuldades significativas, essa experiência me fez crescer de maneiras inesperadas. A pandemia e as aulas online trouxeram à tona minha capacidade de adaptação, e me mostraram que, mesmo em tempos de incerteza, é possível encontrar oportunidades de aprendizado e desenvolvimento pessoal.

[27 de agosto de 2024]

Maiky Candido da Silva

O período pandêmico no ano de 2020 foi tenebroso: muitas pessoas perderam a vida, tiveram entes queridos mortos e muitos ainda carregam resquícios do que foi aquele ano assustador. Felizmente, eu não fui afetado da

mesma maneira.

Quando o vírus “explodiu”, a empresa na qual eu trabalhava suspendeu meu contrato por um tempo e eu fiquei isolado dentro de casa durante a maior parte do caos. Nenhum parente ou amigo próximo a mim foi afetado pelo vírus.

Na área acadêmica, eu estava em recesso da faculdade, o que me deixou bastante conectado em jogos online e internet durante esse período. Após a universidade perceber que o vírus não iria embora tão facilmente, colocou em ação as aulas virtuais. Apesar de ter sido uma modalidade nova que eu nunca tinha experimentado, foi fácil pra me acostumar com aulas pelo computador, já que eu sempre gostei de games, hardware e software; sem contar que, nas últimas semanas antes do começo do Período Letivo Excepcional, eu passava a maior parte do dia no computador.

Um app muito utilizado por gamers é o Discord. Nele conseguimos entrar em ligações com amigos; escutar músicas conjuntamente; compartilhar fotos, comentários e outras coisas. Tudo isso enquanto jogamos. O uso cotidiano desse app e de semelhantes foram fundamentais pra fácil adaptação ao uso das plataformas de aulas online. Da mesma forma, os jogos de puzzle (quebra-cabeças) foram essenciais para o manuseamento do AVA.

Durante o período excepcional eu cursei 3 disciplinas, sendo elas: Teorias Organizacionais I, Estatística e Ética. Foram disciplinas tranquilas pra serem cursadas online, por serem bastante teóricas; e Estatística I trabalhava principalmente com o aplicativo Excel, que é uma ferramenta utilizada para criação de tabelas e gráficos muito utilizada onde eu trabalho.

O período excepcional teve um decaimento expressivo no número de alunos. Muitos foram atingidos pelo vírus, outros não se sentiam prontos pra voltar, outros simplesmente se acomodaram, não se importando com a oportunidade de adiantar as coisas, já que podiam fazer depois. Apesar da nova realidade, os professores foram muito bem. As aulas eram mais monótonas e mais cansativas. Por isso, acredito que as novas metodologias não foram a razão da escassez de alunos durante aquele período.

Quando as aulas presenciais retornaram, a expectativa era que o número de alunos voltasse a crescer. Mas, não ocorreu um aumento de forma tão considerável. Eu fazia parte de um grupo composto por 9 pessoas - dentre elas, 5 não voltaram mais; 2 desistiram poucos meses depois de voltar e apenas 2 se mantêm nos períodos finais do curso.

As aulas online foram monótonas, entediadas e, às vezes, chatas - nunca é demais repetir. Porém, elas nos possibilitavam benefícios que as

presenciais não permitiam, como assistir aula no conforto da sua casa, não precisar aparecer ou se arrumar todo. Todos esses benefícios diminuíram muito o peso que foi a distância dos amigos e o ensino presencial face a face.

[30 de setembro de 2024]

ENFIM, AULAS PRESENCIAIS

Gustavo da Silva Mota

O retorno às aulas presenciais, após um longo período de ensino remoto imposto pela pandemia de COVID-19, marcou um momento significativo na trajetória acadêmica e pessoal dos estudantes e professores. Este processo, que reestabeleceu a dinâmica do ambiente universitário tradicional, foi simultaneamente um símbolo de conquista e um desafio a ser superado. A transição do virtual para o real não apenas representou o reencontro com a rotina acadêmica, mas também revelou o impacto das novas condições de interação e aprendizado.

Durante a pandemia, a educação superior foi abruptamente transformada, obrigando instituições de ensino a adaptarem suas metodologias ao formato remoto. O retorno às aulas presenciais, portanto, foi recebido com um misto de alívio e apreensão. A sensação de conquista ao ingressar na universidade e iniciar as aulas presenciais foi intensificada pelo fato de que essa retomada ocorreu em um cenário ainda permeado pela circulação do vírus e em meio a uma campanha de vacinação em andamento. Esse contexto gerou um ambiente de cautela, onde o medo de contrair ou transmitir o vírus exigia cuidados meticulosos e um constante estado de vigilância.

O reencontro com a coordenação, os professores e os colegas, de forma presencial, trouxe uma série de emoções e desafios. A interação, agora possível após um período prolongado de contato virtual, foi marcada por um misto de alegria e estranhamento. Embora o distanciamento social e as restrições, como o uso de máscaras, tenham limitado o contato físico e a proximidade, a experiência de ver os colegas e professores pessoalmente permitiu uma conexão mais genuína. As interações face a face, mesmo que mediadas pela necessidade de distanciamento, possibilitaram um tipo de comunicação mais rica e direta, algo que o ambiente virtual não conseguia proporcionar.

As confraternizações e a recepção calorosa por parte dos professores e do Centro Acadêmico foram aspectos fundamentais nesse retorno. A oportunidade de conhecer a estrutura universitária e os recursos disponíveis, que antes eram explorados de forma abstrata e virtual, trouxe uma nova perspectiva sobre a UFAL. Embora as interações sociais iniciais tenham sido limitadas pelo distanciamento, essas ocasiões ajudaram a suavizar a transição e promover um senso de pertencimento e integração entre os novos alunos e a comunidade acadêmica.

A diferença entre o ensino virtual e o presencial foi particularmente evidente no ambiente das salas de aula. A possibilidade de se esconder atrás de

uma tela e de um microfone silenciado foi substituída por um formato de aula que exigia participação ativa e visível. Os alunos, agora confrontados com a necessidade de engajar-se diretamente nas discussões e responder a perguntas em tempo real,

encontraram um novo nível de responsabilidade e comprometimento. Essa mudança não apenas incentivou um maior foco e disciplina, mas também aprimorou a qualidade do aprendizado por meio da interação direta e imediata.

O ambiente universitário e o contato com alunos de outros cursos também desempenharam um papel importante na adaptação ao novo normal. A exposição a diferentes áreas de conhecimento e a interação com uma diversidade de perspectivas ajudaram a reduzir a ansiedade acumulada durante o período de lockdown e proporcionaram novas oportunidades de amizade e desenvolvimento pessoal. O retorno ao campus ofereceu um espaço para explorar novos interesses e construir conexões valiosas que enriquecem a experiência acadêmica.

Essa transição de volta presencial trouxe à tona uma série de desafios e oportunidades, evidenciando a importância do contato humano e da interação direta no processo educativo. Foi durante esse período que tive a oportunidade de ingressar na ITES (Incubadora Tecnológica de Economia Solidária), participando de um projeto de extensão que ampliou significativamente minha vivência acadêmica. Este projeto não só me introduziu a um novo aspecto da educação, mas também me conectou a um universo mais amplo, fora dos muros da UFAL. A ITES me ofereceu uma perspectiva única, destacando a importância da aplicação prática do conhecimento e o impacto positivo que projetos de economia solidária podem ter em uma comunidade.

A relevância desse projeto foi imensa, não apenas por ser minha primeira experiência desse tipo, mas principalmente por abrir meus olhos para uma infinidade de oportunidades acadêmicas e profissionais. Através dessa vivência, tive acesso a novos conhecimentos e conheci pessoas inspiradoras, tanto dentro quanto fora da universidade. A interação com profissionais e outros acadêmicos envolveu-me em uma rede de contatos que ampliou meu horizonte e enriqueceu minha formação.

Em suma, o retorno ao ensino presencial foi fundamental para minha integração e crescimento acadêmico, destacando a importância de experiências práticas e da conexão humana no desenvolvimento educacional. Embora o caminho tenha sido marcado por precauções e adaptações, o retorno ao ambiente universitário físico revelou-se essencial para a reconstrução de laços sociais e acadêmicos, refletindo a capacidade de resiliência e adaptação dos envolvidos. Este momento de reintegração não apenas resgatou aspectos

fundamentais da educação superior, mas também ofereceu uma nova perspectiva sobre o valor da interação presencial no desenvolvimento acadêmico e pessoal.

[05 de setembro de 2024]

Evelli Pinheiro Santos

Depois de três períodos de aulas online e tanto tempo presa em casa devido à pandemia, finalmente voltamos para as aulas presenciais na UFAL - e foi uma mistura de emoções. Eu estava super nervosa no primeiro dia, até porque era meu primeiro dia de faculdade. Eu, que vinha direto de uma experiência do ensino médio, me sentia um pouco imatura para essa nova fase. Já tinha me acostumado tanto com a rotina de ligar o computador e assistir às aulas de casa que ir ao campus parecia uma grande aventura.

Chegando lá foi bem legal, porque, pela primeira vez, eu estava vendo aquelas pessoas pessoalmente. A gente se conhecia tanto por telas que, quando nos vimos de verdade, foi meio diferente, sabe? Tem aquele momento de reconhecer a pessoa, dar um “oi” meio tímido; mas depois o papo fluiu como se a gente já se conhecesse há tempos (porque, de certa forma, a gente se conhecia mesmo).

Andar pelos corredores, ver as salas de aula cheias, ouvir o burburinho das conversas... tudo isso foi muito legal e ao mesmo tempo um pouco surreal. Percebi que sentia falta dessa energia, mesmo sem nunca ter ido na universidade para estudar. Porém, minhas experiências no ensino médio eram assim, trocávamos uma ideia cara a cara. Claro, agora tinha aquele friozinho na barriga de voltar a interagir. Relembrando agora, a sensação de estar lá foi boa demais.

De todas as experiências, ver meus colegas e professores foi a parte que mais me deixava empolgada. Pessoalmente, todos eram diferentes. Claro, no começo todos ainda estavam com suas máscaras do período pós pandemia. Mas, me lembro da experiência que tive com um professor específico: eu não conseguia acreditar que era o mesmo das aulas virtuais, pois fisicamente ele era muito diferente.

O dia de início das aulas presenciais foi um daqueles momentos que me fez perceber o quanto o contato humano faz diferença. A sensação de pertencimento, de estar vivendo realmente a vida universitária, e não só a assistindo de longe. E, principalmente, é um marco no processo de deixar de ser a menina tão imatura que chegou do ensino médio. Olhando para trás, essa volta

foi como se tudo finalmente tivesse voltado ao normal.

[05 de setembro de 2024]

Maiky Candido da Silva

O retorno às aulas presenciais foi um pouco fora do comum para mim. Eu havia acabado de fazer o processo de reopção de curso, mudando de Administração para Administração Pública, e ainda não tinha tido interação suficiente com as novas turmas. A reopção me alocou em disciplinas de diferentes períodos, o que me fez frequentar uma turma diferente a cada dia da semana.

O processo de me adaptar a tantas turmas diferentes foi difícil no começo, afinal, todos já tinham seus grupos formados e eu estava sozinho. No entanto, não demorou muito para que eu começasse a me acostumar com essa nova dinâmica e com as pessoas ao meu redor. Depois do processo de reopção, eu passei a fazer minhas próprias matrículas, e optei por seguir com a turma do 5º período até o final e fazer disciplinas de outros períodos apenas em dias “livres”.

Porém, o retorno às aulas presenciais não trouxe apenas desafios. Com ele, pudemos aproveitar experiências únicas que só a universidade oferece, como o contato direto com os professores; um melhor entendimento do conteúdo ministrado em aulas; eventos, palestras, acesso à biblioteca, projetos de extensão; contato direto com a Coordenação; além da oportunidade de conhecer verdadeiramente as pessoas, incluindo novos colegas de outros cursos. Durante o período online, ficávamos restritos às aulas e não tínhamos tempo para interagir e conhecer melhor outras pessoas. De certa forma, essa interação fora do horário acadêmico torna o ambiente mais agradável, tornando até mesmo as próprias aulas mais leves. O convívio com os professores também se tornou muito mais humano, a ponto de saímos para lancha juntos. Tudo isso contribuiu para que a rotina acadêmica se tornasse menos cansativa e pesada, trazendo mais variedade ao dia a dia. Afinal, trabalhar o dia inteiro e ir direto pra faculdade todos os dias é notoriamente desgastante.

[05 de setembro de 2024]

Cláudia de Brito Silva

Após três períodos de aulas on-line, estávamos prestes a iniciar o quarto período com aulas presenciais. Claro que, naturalmente, com todos os cuidados necessários, como o uso de máscaras. Apesar da volta, o período

pandêmico ainda não havia terminado. Recordo-me bem das impressões que tive em relação àqueles primeiros momentos de volta as aulas presenciais e admito que deveria ter aproveitado mais essa minha jornada acadêmica.

Cheguei na UFAL e, até então, não havia encontrado ninguém da turma. Estava a procura da nossa sala, que se localizava no último bloco e era uma das mais escondidas. Naquele último corredor, no silêncio, só me vinha a sensação de estranhamento. Algum tempo depois, começaram a chegar alguns colegas que eram apenas rostos em quadradinhos na tela. Agora estavam ali, de carne e osso, mas ainda cobertos pelas máscaras, que ocultavam suas expressões.

Não apenas retornamos às aulas presenciais. Para nós, alunos de 2020, foi como se começássemos e, ao mesmo tempo, continuássemos o que já estava em curso no ensino on-line. Aquela situação era nova tanto para os colegas quanto para os professores, que não nos conheciam pessoalmente. Alguns colegas e professores apresentavam ser diferentes - fisicamente falando - comparada à imagem que tinham na tela do meu celular.

Embora o deslocamento até a UFAL fosse mais complicado e eu preferisse a praticidade das aulas on-line, confesso que estar presente na sala de aula, sentar-se em uma cadeira da faculdade e até mesmo dizer "tchau, estou indo para a faculdade" - algo que eu tanto desejava repetir, inspirada pelos personagens da novela *Malhação* - foi emocionante. Alcançar esse objetivo foi uma realização pessoal importante.

Mas, era para ter aproveitado melhor essa vivência na UFAL. Gostaria de ter jantado no Restaurante Universitário (RU), mas meus horários não eram compatíveis com os deles. Também gostaria de ter ido mais de uma vez à biblioteca; no entanto, sempre recorri ao Google. A única vez que fui à biblioteca foi para pegar um livro a pedido do professor, para uma apresentação de trabalho em dupla.

Portanto, durante esses anos na UFAL, minha vida acadêmica se resumiu as aulas à noite, mas confesso que no fundo, há um pequeno arrependimento em não ter participado de projetos de pesquisa, monitoria, ou mesmo ter procurado um estágio assim que retornamos às aulas presenciais, já que trabalhava e o meu tempo era bastante limitado. Mesmo diante de uma grande correria durante toda a semana, acredito que vivenciei no retorno às aulas presenciais foi, para mim, de certa forma, suficiente.

[05 de setembro de 2024]

Denise Rodrigues dos Santos

O retorno às aulas presenciais trouxe uma série de desafios e mudanças significativas em minha rotina. Adaptar-se a esse novo formato gerou ansiedade, tanto pela expectativa de conhecer pessoalmente colegas e professores, quanto pelo aprendizado sobre o funcionamento da universidade.

Com as aulas presenciais, minha rotina passou por uma grande transformação. Após o trabalho, eu precisava cuidar das tarefas domésticas, dar atenção à minha filha, preparar o jantar e me arrumar para pegar o ônibus às 17h30. O trajeto até a UFAL era longo, levando cerca de quatro horas entre ida e volta, pegando o primeiro ônibus no bairro onde moro indo até a cidade, onde entro em outro ônibus e na volta da faculdade é feito o mesmo processo de trocas de ônibus. A universidade estava localizada em uma área mais afastada e era a última parada no percurso que passa por outras instituições de ensino.

Por toda essa via crucis, entendo o grande número de desistências que fizeram com que a turma se tornasse pequena, cerca de 14 alunos. Mesmo assim, a afinidade que tive foi com poucos, talvez por ser muito reservada. Com o decorrer das aulas presenciais pude conhecer melhor cada colega e isso me ajudou a entender o jeito de ser de cada um. Isso fez com a minha relação com eles melhorasse cada vez mais.

Durante as aulas online, a maioria dos colegas, inclusive eu, raramente ligavam a câmera, o que dificultava o conhecimento mútuo. Mesmo com as fotos de perfil, não era possível criar um vínculo mais próximo. Os professores, por outro lado, sempre apareciam na tela, isso fazia com que não houvesse muita curiosidade sobre a sua fisionomia, o que realmente preocupava era a possível mudança nas didáticas que usavam. Eu me perguntava se haveria mudanças significativas. No entanto, constatei que a didática permaneceu semelhante à do período online, com a diferença de que as apresentações dos trabalhos no modo presencial geravam mais nervosismo. Um professor em particular, de quem eu havia ouvido falar muito bem, porém não tinha conhecido nas aulas online, despertou minha curiosidade. Quando o conheci pessoalmente, confirmei sua excelência como professor, e ele acabou se tornando meu orientador.

No primeiro dia de aula presencial, tivemos a oportunidade de conhecer a universidade. Como o curso é noturno, não conseguimos explorar muitos espaços, mas visitei os blocos, vi de longe o Restaurante Universitário (RU) – a única vez que estive lá em todos esses anos – e conheci o auditório. Mais tarde, conheci também a biblioteca, um lugar que visitei apenas duas vezes: uma para pegar um livro que o professor recomendou e outra para devolvê-lo.

Estar em sala de aula presencialmente, no início, foi empolgante. No

entanto, com o tempo, o cansaço começou a se manifestar, especialmente quando a mente estava sobrecarregada pelo estresse do trabalho e das responsabilidades domésticas. Faltar às aulas não era uma opção, mas, muitas vezes, a vontade de que a aula terminasse logo era intensa. Comparando com as aulas online, o estresse podia ser o mesmo, mas havia o conforto de estar em casa, o que tornava a experiência menos desgastante. Apesar disso, acredito que as aulas presenciais foram extremamente importantes para o meu aprendizado.

[07 de setembro de 2024]

Lívia Vitória Martins da Silva

A volta às aulas na Universidade Federal de Alagoas em 2021 foi um marco na minha vida, pois venho de uma família simples, morava em outro município e tinha que conciliar meus estudos com o trabalho CLT. Quando soube que as aulas presenciais finalmente seriam retomadas após a pandemia do COVID-19, eu estava dividida entre a expectativa de finalmente viver a experiência universitária e o medo das dificuldades que sabia que teria de enfrentar.

Com a pandemia, a universidade paralisou as aulas por um longo período. Esse atraso afetou muitos de nós, especialmente aqueles que, assim como eu, dependiam de uma estrutura ruim para estudar em casa. Em 2020, quando comecei meu curso, não pude aproveitar as aulas da maneira que eu imaginei. Agora, em 2021, eu estava ansiosa para tentar recuperar o tempo que perdi, mas também sabia que os desafios seriam ainda maiores não somente pelas dificuldades acadêmicas, mas também pelo fato de que eu precisava trabalhar para ajudar minha família e custear minhas próprias despesas.

Outro ponto importante foi o transporte municipal, que se tornou outro obstáculo significativo. Eu dependia dos ônibus da prefeitura, que frequentemente quebravam ou sofriam atrasos. A situação piorou durante a pandemia e perdurou até depois dela, quando a frota foi reduzida e os horários se tornaram incertos.

Isso tornava minha rotina um verdadeiro caos. Tinha que sair direto do trabalho para o ponto de ônibus para garantir que chegaria a tempo e, muitas vezes, isso significava sacrificar um momento de descanso ou até mesmo deixar para jantar na UFAL.

A pressão para me sair bem na universidade era grande, mas as dificuldades diárias me faziam questionar se eu realmente conseguiria dar conta de tudo. Eu tentava me manter focada, mas era impossível ignorar o cansaço que se acumulava. Além disso, a carga emocional de ter passado por um longo período sem aulas presenciais me deixava ainda mais ansiosa. Sendo assim,

havia dias em que me sentia extremamente desanimada. O cansaço físico e mental me fazia pensar em desistir. Afinal, estava sempre correndo contra o tempo, tentando equilibrar trabalho e estudo e sentia que, no final das contas, não estava fazendo nenhum dos dois da melhor forma. Era um desafio constante tentar manter a calma e a concentração, principalmente sabendo que, ao chegar em casa, ainda teria que estudar para as provas, fazer trabalhos, e, em seguida, me preparar para o trabalho no dia seguinte.

Apesar de todos esses desafios, a volta às aulas na UFAL também trouxe um certo alívio. Pude finalmente vivenciar o ambiente universitário, conhecer meus colegas e professores, o que me deu forças para continuar. Foi com o apoio de alguns amigos, em especial o Gustavo e o Lucas (este último que não se encontra mais em nosso curso), que consegui ter a minha continuidade nessa jornada.

Acabamos formando nossa rede de apoio e incentivo para permanecermos no curso até o fim, além de trocarmos palavras de incentivo quando o desânimo batia. Todos estavam cientes da correria da rotina e nos esforçávamos ao máximo para entregar tudo o que nos era exigido. Isso nos obrigava a fazer muitos trabalhos de madrugada via Google Meet e, sim, por muitas vezes eu dormia durante essas ligações devido ao cansaço. Mas sempre recebi a compreensão dos meus amigos. Além disso, alguns professores, cientes da realidade de muitos alunos, mostraram-se compreensivos em alguns momentos, ajustando prazos e oferecendo suporte adicional quando necessário.

Ao mesmo tempo, do âmbito familiar, minha mãe nunca deixou de me apoiar, sempre reforçando que esse esforço era temporário e que eu conseguiria superar esses desafios. Além disso, ela dedicava-se ao máximo me ajudando como podia com tarefas de casa para que eu tivesse mais tempo de me dedicar aos estudos.

A volta às aulas presenciais foi uma lição dura sobre as dificuldades de ser uma estudante universitária vindo de uma realidade com poucos recursos e tão dependente aos fatores externos. Não era apenas sobre aprender o conteúdo das disciplinas, mas também sobre superar obstáculos diários que iam além das salas de aula.

No final, percebi que a universidade seria um teste não só do meu conhecimento acadêmico, mas também da minha persistência e capacidade de adaptação.

Desse modo, foi um período de muito crescimento pessoal, onde aprendi a lutar pelo meu futuro, mesmo quando as condições não eram favoráveis. Hoje, consigo olhar para trás e ver o quanto esse período me

fortaleceu, mas também me fez refletir sobre as desigualdades que ainda existem em nosso país e como elas afetam diretamente o futuro de jovens como eu.

[OS de setembro de 2024]

Pancho Belo Cavalcante Romariz

Enfim, voltamos. As aulas presenciais deram um gás a mais para os debates e para os estudos. As leituras e os trabalhos aumentaram e os vínculos com os professores e os alunos também. Além disso, mesmo que a UFAL na noite seja, mais “parada” do que em relação à UFAL de dia, era bom ter contato com alunos de outros cursos e a socialização acabava melhorando a continuidade dos estudos.

Antes de entrar no curso eu havia dito para mim mesmo que o foco inteiro seria o estudo e a conclusão do curso, não me interessava tanto viver o lazer que advinha da jovialidade dos meus colegas de Campus - inclusive saudades Festa do Jardim do Éden, a festa que nunca aconteceu (e, como percebido agora, não foi bem assim que as coisas aconteceram).

Claro, o foco era completamente nos estudos, tanto que participei por mais de um ano de um projeto de extensão com um pessoal do período anterior ao nosso, e fui monitor da turma anterior a essa - o que me fez ter um bom contato com as outras duas turmas anteriores à minha.

Mesmo assim, consegui mandar bem nas notas sem abdicar de trazer o violão e de tocar depois da aula ou mesmo na aula (obrigado, professores!). Além disso, fiz algumas apresentações no Restaurante Universitário (o R.U.), em outro projeto de Extensão que era toda quinta-feira. Saímos pouco como turma no geral, mas ainda visitamos três bares de Arapiraca e eu dancei um forró que vai ficar guardado na lembrança. É... para quem só queria estudar, eu até que fiz alguma coisa nessa UFAL.

O R.U. também foi importantíssimo nesse processo. Para o projeto de extensão era necessário que eu chegasse de tarde na UFAL, logo eu almoçava e jantava no Campus. Comia bem e pagava barato, isso com certeza ajuda todos os alunos que dispõem do serviço. Eu ia motivado para a universidade também pela comida.

Acredito que tanto os alunos que utilizam o serviço quanto os professores e funcionários também são favorecidos graças a esse serviço. Não dá para estudar e trabalhar bem se a barriga está vazia.

Todas essas minhas experiências me ajudaram a melhorar como

pessoa e como profissional. Sem sombra de dúvidas, as vivências acadêmicas presenciais, os desafios que são impostos pelas responsabilidades que você adquire, como o projeto de extensão e a monitoria, fazem com que você se surpreenda a cada dia consigo mesmo, que você veja que você é capaz de fazer o que nem você imaginava.

Vou dar dois exemplos: no projeto de extensão, nós, com frequência, dávamos palestras sobre o que estudávamos tanto para alunos do vespertino da UFAL quanto para pessoas que não tinham nenhum vínculo com a universidade; com a monitoria, nos encontros semanais presenciais eu tinha duas ou três alunas que sempre iam, mas quando era véspera prova a sala ficava cheia - eu cheguei a dar uma aula de quatro horas até todo mundo me falar que havia aprendido o assunto.

Isso é o que chamam de “Viver a Universidade”. Não perca as oportunidades de conhecer pessoas, de fortalecer laços com alunos e professores - faça o seu networking. Além de você aprender e trocar experiências, no final das contas a gente nunca sabe o dia de amanhã. As vivências na universidade depois dos meus 30 anos possibilitaram reaprender que se deve levar a sério o que se planeja e o que se tem em mente de fazer, mas não tão a sério assim - divirta-se no caminho!

[05 de setembro de 2024]

**E ASSIM SE PASSARAM OS
ANOS...**

Cláudia de Brito Silva

A maneira como organizamos e passamos o nosso dia impactam diretamente na forma como recebemos o conteúdo das aulas, especialmente quando estas ocorrem no período noturno. Após um dia repleto de atividades e responsabilidades domésticas, o cansaço e o estresse acumulados podem prejudicar nossa capacidade de concentração e absorção dos conteúdos acadêmicos. Nesse sentido, conciliar múltiplas tarefas cotidianas com os estudos transforma o ambiente de ensino em um desafio ainda maior para quem vive essa rotina exaustiva.

Durante minha trajetória acadêmica, enfrentei diversos momentos em que, apesar da falta de motivação, compareci às aulas e, ao final, compreendi a importância da presença. Muitas vezes, estive fisicamente presente nas aulas, mas sem grande envolvimento com os conteúdos abordados. Em algumas ocasiões, mesmo estando em sala de aula, minha atenção estava dispersa. Houve ainda momentos em que me ausentei por falta de disposição, e em outros compareci apenas para evitar o acúmulo excessivo de faltas. A rotina acadêmica é desgastante, então, ela exigiu resiliência para equilibrar o cansaço e os desafios pessoais com a necessidade de continuar aprendendo todos os conteúdos abordados nas aulas.

As aulas, ao longo do curso, trouxeram diferentes desafios. Identifiquei-me com disciplinas cujo conteúdo e metodologia me cativaram, como foi o caso de Introdução à Economia, exemplificando sempre os assuntos. Outras disciplinas conquistaram meu interesse pela abordagem didática, como Informação Contábil para Gestão, em que o uso de atividades manuscritas exigidas pela professora facilitou meu aprendizado. Da mesma forma, a disciplina de Metodologia e Projeto de Pesquisa destacou-se pela forma construtiva com que o professor oferecia os feedbacks. Por outro lado, enfrentei dificuldades em matérias como Estatística, especialmente por não ter facilidade com cálculos. Em algumas disciplinas, apesar de não me agradar a abordagem didática, como em elaboração de fichamentos, o conteúdo foi apresentado de forma que tornou as aulas mais atraentes, sendo inclusive, extremamente necessária.

Ao longo do curso, as aulas variaram em termos de dinâmicas e envolvimento. Algumas foram mais simples e diretas, enquanto outras envolventes. Contudo, é natural que em uma sala de aula as atividades oscilem entre momentos de maior e menor atratividade, uma vez que essa variação reflete tanto as diferentes metodologias adotadas pelos professores quanto as diversas expectativas e interesses dos alunos. Essa diversidade de experiências é compreensível em uma sala de aula. Embora soubesse que a maioria da turma apreciava aulas com interações frequentes entre professor e alunos, confesso

que preferia as aulas nas quais a maior interação ficasse a cargo do professor, com poucas intervenções dos alunos, pois dessa forma conseguia absorver melhor os conteúdos abordados.

[02 de outubro de 2024]

Gustavo da Silva Mota

Minha trajetória no curso, foi marcada por uma série de experiências significativas que moldaram minha formação acadêmica e pessoal. Desde o início, tive a oportunidade de participar de aulas com variadas metodologias e abordagens, contribuindo de maneira decisiva para meu aprendizado. A diversidade de métodos de ensino foi um dos fatores que mais se destacou ao longo do curso. As aulas foram dinâmicas, e os professores utilizaram uma ampla gama de recursos: desde aulas expositivas tradicionais até discussões em grupo, seminários e atividades práticas. Também houve a implementação de aulas online, principalmente em períodos de necessidade, como na pandemia, o que acrescentou uma nova dimensão à nossa forma de aprender e interagir com o conteúdo.

Cada método utilizado teve sua importância no processo de aprendizagem. As aulas expositivas, por exemplo, proporcionaram uma visão ampla e estruturada dos conteúdos, enquanto as discussões em grupo fomentaram o desenvolvimento do pensamento crítico e a troca de ideias entre os alunos. Os seminários permitiram que nós, alunos, nos aprofundássemos em temas específicos e tivéssemos a oportunidade de apresentar nossas pesquisas para a turma, o que ajudou a desenvolver nossa capacidade de comunicação e argumentação. As atividades práticas foram fundamentais para conectar a teoria à prática, oferecendo uma perspectiva mais realista dos desafios que enfrentaremos na administração pública.

Neste amplo leque, vale destacar as aulas do professor Renato Luiz Miranda, que utilizava o método de estudo de caso (case). Sua abordagem era extremamente envolvente, pois trazia situações reais da administração pública, permitindo-nos aplicar os conceitos aprendidos em sala de aula para resolver problemas concretos. Esse formato foi particularmente útil para desenvolver minha capacidade analítica e de resolução de problemas, além de ser uma forma prática e inovadora de ensinar.

No entanto, nem todas as aulas foram igualmente marcantes. Algumas, embora cumprissem seu papel, não despertaram tanto meu interesse. Em grande parte, isso se deu por fatores como a didática de certos professores, que, em vez de facilitar a compreensão dos conteúdos, acabou tornando o

processo mais denso e desmotivador. A forma de ensinar, muitas vezes rígida ou excessivamente teórica, dificultava a assimilação, especialmente em matérias onde uma abordagem mais prática ou contextualizada teria feito diferença. Além disso, o conteúdo dessas disciplinas era complexo e, em alguns casos, o material didático não ajudava a desmistificar os tópicos abordados. Os textos e apostilas exigiam um nível de interpretação elevado, o que tornava a leitura cansativa e pouco eficaz para quem estava buscando uma base sólida. Essa combinação de fatores acabou afetando o meu envolvimento e interesse, criando uma barreira que me impediu de me engajar plenamente.

A interação com os professores também foi um aspecto crucial da minha experiência acadêmica na UFAL. Tive a sorte de me relacionar bem com a maioria dos professores, sempre mantendo uma postura de respeito mútuo e colaboração. Com alguns deles, consegui estabelecer uma relação mais próxima, o que foi essencial para meu desenvolvimento não apenas como aluno, mas também como profissional em formação. Professores como Renato Luiz Miranda, Rodrigo Coelho e José Rodolfo Lima, por exemplo, foram figuras essenciais ao longo do curso. Eles sempre estiveram atentos ao meu progresso, oferecendo conselhos, direcionamentos e, em muitos momentos, críticas construtivas.

Embora os puxões de orelha pudessem parecer duros em certos momentos, foi por meio deles que aprendi a enfrentar desafios com mais determinação e foco. Esses professores me ensinaram lições valiosas que ultrapassam os conteúdos acadêmicos, ajudando-me a crescer também como pessoa.

Além disso, a relação que estabeleci com meus colegas de turma foi igualmente importante. O convívio diário, as trocas de ideias, os debates acalorados e as discussões sobre as aulas criaram um ambiente de aprendizado colaborativo.

Com o passar do tempo, muitos alunos deixaram o curso, o que acabou por fortalecer ainda mais os laços entre os que permaneceram. Esses colegas tornaram-se mais do que companheiros de sala; formamos uma rede de apoio mútua que foi essencial nos momentos de maior dificuldade. Juntos, enfrentamos os desafios das disciplinas mais complicadas, organizamos grupos de estudos e compartilhamos materiais e estratégias para superar os obstáculos acadêmicos.

Os desafios que enfrentei ao longo do curso foram muitos. A mobilização até a universidade, combinada com a rotina exaustiva de conciliar trabalho e estudos, muitas vezes me fez questionar se conseguiria chegar até o final. Houve momentos de cansaço extremo e desmotivação, mas o apoio que recebi dos professores e colegas de turma foi essencial para que eu conseguisse seguir em frente. As palavras de incentivo, as discussões sobre as dificuldades

comuns e as estratégias compartilhadas foram fundamentais para que eu superasse os momentos mais difíceis. Esse apoio me fez perceber a importância de estar rodeado de pessoas que acreditam em seu potencial e que, de forma solidária, contribuem para seu crescimento. Cada desafio superado foi uma oportunidade de aprendizado e evolução, tanto acadêmica quanto pessoal.

Ao olhar para trás e refletir sobre minha jornada na UFAL, sinto um profundo sentimento de gratidão e reconhecimento. A universidade foi o espaço onde pude desenvolver minhas habilidades, descobrir novas paixões e superar minhas limitações. Os desafios enfrentados e as superações alcançadas me ensinaram a importância da resiliência e do trabalho em equipe. A cada aula, a cada debate, e a cada conversa com professores e colegas, aprendi não apenas sobre administração pública, mas também sobre como ser uma pessoa mais crítica, aberta ao diálogo e disposta a aprender continuamente.

Em conclusão, minha experiência acadêmica na UFAL foi muito mais do que uma simples formação profissional. Foi um período de intensa transformação pessoal, no qual adquiri não apenas conhecimentos teóricos e práticos, mas também lições de vida que levarei para sempre. Sou extremamente grato aos professores que me orientaram e aos colegas que me acompanharam nessa jornada. Cada um deles, de sua maneira, contribuiu para que eu me tornasse a pessoa e o futuro profissional que sou hoje. A UFAL, com suas aulas dinâmicas, desafios e oportunidades de crescimento, foi fundamental para moldar minha visão de mundo e para me preparar para os próximos passos que darei na administração pública e na vida profissional.

[04 de novembro de 2024]

Denise Rodrigues dos Santos

A volta às aulas trouxe uma mistura de sentimentos intensos. Após dez anos desde a conclusão do ensino médio, a expectativa por um novo ciclo se misturou à nostalgia das experiências passadas. O retorno ao ambiente escolar representou não apenas uma chance de recomeço, mas também um desafio que desperta ansiedade e curiosidade sobre as mudanças que ocorreram ao longo da última década.

A ideia de voltar a estudar, após uma longa pausa, era impactante. Esperava que as didáticas de ensino tivessem evoluído significativamente nesse período.

Quando as aulas começaram, percebi que, embora algumas abordagens realmente tivessem se transformado, outras permaneciam familiares. Um exemplo de mudança foi o uso de slides nas apresentações. Essa

novidade trouxe consigo um novo desafio: aprender a elaborar apresentações visuais de maneira eficaz, um processo que ainda estou aperfeiçoando.

Os professores que encontrei apresentavam diferentes estilos de ensino, e entre as metodologias que mais contribuíram para o meu aprendizado estavam o estudo de caso e os fichamentos. O estudo de caso, ao abordar situações reais, facilitou a compreensão dos conteúdos, mostrando a relevância prática dos temas discutidos em sala. Essa conexão com o cotidiano tornou as aulas mais dinâmicas e significativas.

Os fichamentos, por sua vez, exigiam atenção redobrada durante a leitura, o que me ajudou a aprofundar minha compreensão dos textos. As discussões que surgiam a partir dos fichamentos foram especialmente enriquecedoras, pois permitiram que diferentes perspectivas sobre um mesmo assunto fossem compartilhadas. Essa troca de ideias não apenas tornou as aulas mais interessantes, mas também promoveu um ambiente colaborativo de aprendizado.

O uso de slides nas aulas me fez lembrar das antigas aulas com retroprojetores, mas agora de uma forma mais moderna. O que antes era um recurso escasso e tornava as aulas mais atraentes, hoje é amplamente utilizado, embora muitas vezes não consiga prender minha atenção.

Assim concluo que a volta às aulas, após uma década, revelou-se uma experiência repleta de emoções e aprendizados. As mudanças na didática e a diversidade de abordagens utilizadas pelos professores não apenas desafiaram minha forma de aprender, mas também enriqueceram minha visão crítica sobre os temas estudados. À medida que sigo nessa jornada, percebo que cada desafio enfrentado é uma oportunidade de crescimento, e a nostalgia, embora presente, se transforma em motivação para abraçar novas experiências.

[18 de outubro de 2024]

Evelli Pinheiro Santos

Nas aulas, logo de cara ficou claro que cada professor possui sua própria metodologia de ensino. Avaliando agora, em retrospectiva, sinto que para compreender e me interessar mais pela disciplina, é fundamental ter um bom contato com os professores. Quando entendo seu estilo e percebo como serei tratada em diferentes situações, isso me deixa mais à vontade e alimenta meu gosto pela matéria. Assim, essa relação de confiança e respeito é vital para minha motivação e aprendizado.

Algumas abordagens foram de aulas mais abertas, nas quais

realmente tínhamos a liberdade de falar e nos expressar. Essas foram as que mais me atraíram. Mas, acredito que isso depende muito do estilo do professor; nem sempre consegui ter essa conexão que permite conversas abertas e a possibilidade de tirar dúvidas.

Por outro lado, tive a imagem de alguns professores como mais fechados, não sabia o que esperar, se me ajudaria ou criticaria, por isso, acabava me fechando mais e sem interagir. Mesmo com dúvidas, falar no meio da aula, não era uma opção, tinha medo e vergonha de como tal professor reagiria, como falei, ele poderia me ajudar ou criticar de forma vergonhosa.

Com o tempo, houve professores dos quais eu já sabia o que esperar, e isso me deixava mais à vontade. Eu sabia que não haveria julgamentos ou “piadas” e, assim, as aulas se tornavam mais atrativas e leves. Saber o que esperar dos docentes levou tempo, mas cada aula se transformou em uma oportunidade de crescimento, tanto acadêmico quanto pessoal. Como eu precisava desenvolver mais habilidades de comunicação, a interação com os colegas foi essencial. Conhecer pessoas com diferentes perspectivas e interesses ampliou minha visão sobre os temas discutidos.

Então, as aulas na faculdade se mostraram um espaço de aprendizado variado, onde a interação com diferentes professores e colegas desempenhou um papel fundamental na minha formação. A adaptação a esse novo ambiente trouxe desafios, mas também oportunidades valiosas de crescimento pessoal e acadêmico. A importância de um bom relacionamento com os professores e a liberdade de expressão nas aulas contribuíram significativamente para meu desenvolvimento, ampliando minha visão e fortalecendo minha comunicação. Essa experiência não apenas me preparou para os desafios acadêmicos, mas também me ajudou a construir uma rede de conexões que considero essencial para minha trajetória na universidade.

[02 de outubro de 2024]

Maiky

Encontrar momentos para estudar fora da faculdade sempre foi uma tarefa desafiadora para mim. Por isso, me esforcei ao máximo para absorver todo o conteúdo durante as aulas, evitando sobrecargas quando fosse estudar em casa.

De modo geral, as aulas eram muito boas. Os professores eram bem-preparados e a maioria tinha uma ótima didática. Não acredito que as aulas tenham me causado dificuldades. Nos momentos em que meu desempenho não

foi tão bom, a culpa foi mais minha do que das aulas. Deveria ter lido mais, estudado mais, refletido mais.

As aulas sobre tomada de decisão baseada em dados e as aulas sobre sistemas organizacionais foram as que mais me estimularam. A dinâmica de analisar situações reais e propor soluções criativas foi extremamente enriquecedora. No entanto, algumas disciplinas com um enfoque mais teórico apresentaram um maior desafio. A quantidade de leituras e a falta de atividades práticas para consolidar o conteúdo dificultavam a minha compreensão. Acredito que a inclusão de mais exercícios práticos e debates em grupo poderia tornar essas aulas mais engajadoras.

Um exemplo é o uso do fichamento que é como um exercício no ato da leitura, o fato de organizar as informações mais importantes em tópicos e discorrer sobre cada um deles, ajuda a absorver o conteúdo de uma forma mais efetiva.

Uma experiência bastante positiva foi a oportunidade de realizar apresentações em grupo. Por ter se tornado algo muito cotidiano, essa prática contribuiu significativamente para o meu desenvolvimento pessoal, superando minha timidez e me tornando mais confiante em falar em público.

Por fim, gostaria de ressaltar que, embora não tenha dificuldades com disciplinas exatas, sinto um certo receio ao iniciar essas matérias. A expectativa de encontrar conteúdos complexos e desafiadores me causa um pouco de ansiedade, mesmo antes de começar a estudar, e esse fato não foi diferente durante as disciplinas de exatas no curso.

[30 de setembro de 2024]

Pancho Belo Cavalcante Romariz

Há sempre uma sensação diferente quando paramos para refletir sobre o que vivemos. Muitas vezes nem nos damos conta do que passou, é tudo tão rápido e cheio de obrigações, voltado para o resultado, que acabamos não percebendo o quanto que o que vivemos foi bom até quando teve algo ruim. Também foi assim com relação às aulas. Quando eu paro para pensar sobre isso, a primeira coisa que me vem é: eu deveria ter feito mais! Lido mais, pesquisado mais, colocado mais esforço nessa caminhada! Mas eu acho que o ponto não é esse. Realmente não é fácil administrar trabalho, estudo e vida pessoal quando se está sozinho.

Mas, ainda assim, cobramo-nos mais do que deveríamos. Eu acredito que o importante é ter feito bem, dentro das medidas do possível e, ainda assim,

ter conseguido chegar nessa reta final.

Não é porque foi bom (mesmo tendo algo ruim) que foi fácil - vamos destrinchar tudo isso. As aulas começaram virtuais e eram novidade para todos, inclusive para os professores. Os alunos ficavam calados a maior parte do tempo e aula, não tinha como ser diferente, era totalmente expositiva. Os professores ainda tentavam trazer os alunos para conversar, mas era realmente complicado. Eram passados trabalhos escritos, tínhamos prova pelo sistema da UFAL (o Ambiente Virtual de Aprendizado - AVA) e algumas vezes seminários, tudo pela telinha mesmo. Apesar de ter sido um tempo bom para organizar estudo e as coisas de casa, pouco de estudo ficou retido nesse período. E quando voltamos para o presencial, se não me falha a memória, quase a metade da sala já havia desistido - é, isso demonstra que, no geral, esse tempo de aulas virtuais foi bem difícil.

Presencialmente ficou mais interessante: além de conhecermos os colegas de classe e interagirmos com outras turmas no Campus, os professores agora poderiam usar suas metodologias de ensino durante as aulas sem estarmos separados pela telinha - e isso trouxe uma dinâmica diferente para a vida acadêmica. Havia professores mais expositivos (aquele que lança o assunto correndo), professores mais dinâmicos (que sempre jogavam a participação para os alunos), professores que se importavam mais com os alunos (na questão de entendimento, de como estava dentro, mas fora da sala também) e outros que nunca demonstraram muita proximidade, mas que nem por isso eram maus professores.

É difícil de metrificar as aulas porque, além do conhecimento, as relações humanas são fator essencial para o bom andamento do aprendizado. Eu acredito que haja alunos que tenham aprendido pouco em determinada matéria por conta de algum problema com professor, ou por uma má interpretação de algum comentário de professor para o aluno; ou do aluno para o professor (isso é o “algo ruim” mencionado anteriormente). Esses ruídos são normais entre as pessoas. E vamos lembrar que são quatro anos e meio no curso: tem a convivência, todo mundo tem um dia ruim, tem a falta de maturidade... é tanta coisa que acontece que pode vir a gerar um conflito em sala de aula e, conseqüentemente, atrapalhar o aprendizado que é preciso pesar com carinho como foram as aulas.

Para mim, até o conflito é uma oportunidade de melhorarmos. Se crescemos quando se está tudo bem, é quando as situações caminham mal que melhoramos mais ainda. Tudo, todas as circunstâncias, todas as vezes que houve algo ruim na sala de aula ou algo ruim no trabalho, algo ruim no dia, com a sua companheira ou companheiro, nada se perde, tudo se transforma, só depende do

catalizador que você usa para trabalhar aquela energia.

Mesmo sendo cansativo estudar de noite, mesmo sendo difícil viajar de segunda a sexta, mesmo tendo conflitos vez ou outra na sala de aula entre aluno e professor ou vice-versa, as aulas foram boas, porque, além do conhecimento teórico e prático da administração pública, eu sairei da UFAL muito mais Humano do que eu entrei.

[30 de setembro de 2024]

Lívia Vitória Martins da Silva

Ingressar na universidade, especialmente na UFAL, foi um processo desafiador para mim, tanto emocional quanto academicamente. Saindo do ensino médio, onde a relação com o conteúdo era mais direta e guiada pelos professores, me vi em um ambiente com uma metodologia completamente diferente, mais autônoma e exigente. Como alguém que era mais introspectiva, de início, senti muita vergonha para perguntar ou tirar dúvidas durante as aulas, o que me atrapalhou bastante no início. A adaptação foi difícil, porque me faltava confiança para interagir o que, ainda mais no ensino remoto, me deixava desconfortável.

Essa dificuldade se intensificava ainda mais devido à minha rotina cansativa. Trabalhando o dia inteiro, chegava às aulas já esgotada. As aulas, muitas vezes, não eram dinâmicas e acabavam sendo monótonas, especialmente depois de um dia de trabalho. O cansaço físico e mental tornava quase impossível manter o foco em um conteúdo que, às vezes, parecia distante da prática e até mesmo repetitivo. Havia dias em que apenas estar presente na sala de aula já era um grande desafio e a falta de interação e troca durante as aulas só contribuía para esse sentimento.

Não estou dizendo que os professores estavam errados ao seguir esse modelo. Muitos entraram na sala, davam suas aulas e iam embora, como era o papel deles como profissionais. Mas eu senti falta de algo mais, de momentos em que a troca de experiências ou a aplicação do conteúdo à vida prática fosse parte da dinâmica. Era como se estivessemos ali apenas para cumprir um ritual acadêmico, sem muita conexão entre o que aprendíamos e o mundo real. Para mim, a universidade deveria ser um espaço de troca e crescimento coletivo, onde não apenas o conteúdo técnico fosse passado, mas também a vivência dos professores poderia ser compartilhada com a turma.

Por outro lado, também tive a sorte de encontrar professores que fossem além da transmissão de conteúdo e buscassem maneiras de tornar o aprendizado mais dinâmico e envolvente. Me recordo especialmente do

professor Paulo Everton Simões, que no decorrer da disciplina buscou colher feedbacks da turma para alinhar a dinâmica da disciplina. Ele transformava suas aulas em uma roda de conversa, onde trazíamos cases e notícias atuais que ajudavam a visualizar o conteúdo de forma prática. Esse método tornou o estudo mais interessante e dinâmico, mesmo em dias em que eu estava extremamente cansada. O formato mais dialogado e participativo fez com que eu me sentisse mais incluída e menos pressionada, criando um espaço onde eu pudesse aprender sem peso de ter que participar de uma forma que me deixasse desconfortável.

A experiência na universidade, portanto, foi marcada por altos e baixos. Enfrentei a exaustão, a falta de dinamismo em muitas aulas e as minhas próprias dificuldades de interação. Contudo, também tive momentos de aprendizado que foram enriquecedores graças aos professores que se preocuparam em adaptar suas aulas à realidade dos alunos e tornar o conteúdo mais aplicável ao dia a dia. Essas pequenas - mas valiosas experiências - foram o que me ajudaram a continuar com a graduação, mesmo quando o cansaço e a timidez eram grandes.

[30 de setembro de 2024]

**EU VEJO A VIDA MELHOR
NO FUTURO!**

Livia Vitória Martins da Silva

Olhando para o futuro, meu desejo é concluir a graduação e dar continuidade aos estudos, talvez com uma pós-graduação, mestrado e até, mais adiante, um doutorado. Para muitos, isso pode parecer comum, mas para mim, vindo de uma família humilde com pouco acesso à educação, é um sonho e uma realização de vida.

Aprender vai além de acumular conhecimento – é uma forma de crescimento pessoal e de acreditar que posso conquistar o que antes parecia distante. Sei que o caminho não será fácil, mas cada etapa vencida me aproxima de uma carreira sólida e melhores condições de vida. Meu objetivo é não apenas obter um diploma, mas usar a educação para alcançar estabilidade e uma vida com qualidade. Quero ser a primeira da minha família a conquistar uma condição de vida confortável e oferecer aos meus pais uma realidade melhor.

Vejo no estudo a base da minha trajetória. Com uma pós-graduação e um possível mestrado, espero me tornar uma profissional qualificada e respeitada. O doutorado é uma meta distante, mas representa algo que posso alcançar se persistir, abrindo portas para oportunidades que antes pareceriam impossíveis. A educação é uma força transformadora, e quero ser prova disso.

Cada conquista representa superação e empoderamento. Vindo de um contexto com recursos limitados, valorizo ainda mais cada prova, cada trabalho, cada noite em claro – tudo parte de um processo que espero que me leve a um futuro próspero e seguro. Essa trajetória, além de pessoal, é uma forma de inspirar aqueles que, como eu, começaram com poucos recursos, mas nunca deixaram de sonhar.

A cada passo, construo um futuro em que o esforço de hoje será recompensado. E, apesar dos desafios, sinto esperança e renovação ao imaginar esse caminho. Cada aprendizado até aqui reforça minha determinação e fortalece minha vontade de seguir em frente. Quero mostrar que a educação pode mudar destinos e que, por mais difícil que seja, é sempre possível dar um passo além. Essa esperança me motiva a crescer e sonhar com um futuro melhor.

[12 de outubro de 2024]

Pancho Belo Cavalcante Romariz

Agora que falamos do passado e do presente, das vivências e dos aprendizados, chegou a hora de fecharmos este ciclo. O que será daqui para a frente? Eu sei que a vida é cheia de altos e baixos, como também sei que não dá para se viver apenas de fantasia ou apenas de racionalidades. Outro dia estava

conversando com o seu Irineu, um senhor de 69 anos que freta o seu caminhão F400 para fazer mudanças, e ele dizia que nunca fez um exame médico, que não era diabético, que era bom do coração e que “modéstia parte, a mulher que eu tenho lá em casa não reclama de nada”. A conclusão da conversa foi que o resultado daquele senhor que subia e descia do caminhão, que contava história, que sempre sorria no final das frases era uma vida equilibrada em todos os aspectos. É por isso que neste último capítulo da minha história acadêmica que quero colocar um pouco de esperança.

Exercitar o porvir é sensível e, às vezes, pode ser um caminho sem volta - deseja-se um momento que geralmente diferirá do presente. No meu caso não se chega a tanto. Eu estou bem como estou hoje, não desejo, materialmente, tanto mais do que já alcancei nesse caminho tão tortuoso. O meu desejo é realmente ser sempre melhor, humanamente falando, amanhã do que eu sou hoje. Com isso, espero conseguir também melhorar a vida das pessoas que eu convivo e daquelas que serão alvo do meu trabalho.

Para isso, eu quero muito estudar mais. Muito! Você não sabe o quanto. Eu sei que quanto mais eu me dedico ao que eu escolhi, mas seguro das escolhas que eu faço eu me torno, mais defensor dos meus ideais e mais insuportavelmente calmo e paciente - o conhecimento de uma forma geral é bem perigoso, porque você passa a entender muito do mundo e de si mesmo e gasta menos energia com o que não interessa tanto. Nesse estudo eu coloco uma especialização, um mestrado, um doutorado - eu não descarto a carreira acadêmica. Mas também não descarto um concurso público, nem tão pouco trabalhar no Legislativo ou no Executivo - e até aqui, minha cara professora Fabiana, posso dizer que eu ainda não penso em me tornar político.

Eu sei que a minha formação se deu graças aos meus excelentíssimos professores e professora, graças ao apoio que recebi tanto deles quanto dos meus colegas de UFAL, das pessoas com quem eu trabalho. Eu sei, ainda, que já consigo, mesmo sem nem estar formado, gerar um resultado positivo e claro, que realmente ajuda as pessoas através da Associação das Mulheres de Palmeira dos Índios (AMPI), onde já trabalho há quase quatro anos.

Essa formação será primordial para a minha vida, que será longa e recheada de conhecimento, com fé em Deus. E esta é a minha maior esperança profissional: eu quero realmente ajudar a melhorar a sociedade, a dar mais respeito às pessoas que dificilmente vivenciam atitudes boas, eu quero que o meu conhecimento seja uma ferramenta para àqueles que por qualquer que seja a razão não tiveram a oportunidade de aprender o que eu aprendi, e de defendê-los se por ventura alguém tentar tirar proveito dessas pessoas.

Foram poucas as vezes que eu comentei isto com alguém: há quase

três anos atrás eu tive, mesmo que pequena, uma chance de fazer medicina com uma bolsa de estudos numa faculdade privada, e quem estava próximo de mim na época me indagou por que eu não tentava. Eu já cursava administração pública nessa época e não demorei muito para respondê-lo: eu sei que cursando medicina eu posso salvar vidas, mas a minha questão não é tão pontual assim. A política é a maior ferramenta de mudança social e eu sei que eu tenho o potencial para fazer parte dessa mudança e salvar, com toda certeza, muito mais vidas. Isso foi há quase há três anos - e eu gostaria de agradecer, além de todos que eu já citei nesse capítulo, a esse camarada que ficará aqui desconhecido, mas que me fez refletir sobre a minha real função nesta vida.

[12 de outubro de 2024]

Evelli Pinheiro Santos

No futuro pós-universidade, minha expectativa é poder atuar diretamente na minha área de formação, especialmente na gestão de pessoas ou na gestão governamental. Creio que, de todas as áreas, me identifico mais nessas duas. Me vejo contribuindo ativamente para melhorar processos, facilitar o desenvolvimento de equipes e trabalhar com políticas públicas que façam a diferença.

Além disso, tenho um desejo claro de continuar investindo na minha formação. Planejo fazer uma pós-graduação logo após me formar, pois tenho convicção de que o aprendizado não deve parar por aqui. Também sonho em começar uma nova graduação, dessa vez em Estética, uma área pela qual sempre tive muito interesse. Apesar de ter escolhido Administração Pública como meu primeiro curso, sempre soube que a estética seria algo que eu gostaria de fazer mais tarde. Me vejo trabalhando no futuro com esse campo, que sou tão apaixonada, unindo essa paixão à experiência que vou adquirindo ao longo do tempo.

Junto a esses sonhos, mantenho um foco claro na preparação para concursos públicos voltados para a área de Administração Pública. Vejo essa como uma excelente oportunidade para aplicar o conhecimento adquirido ao longo da graduação e construir uma carreira sólida no setor público. Acredito que nosso curso ajude muito na preparação para concursos e que esta é a melhor oportunidade para se ter uma boa estabilidade financeira.

De toda forma, saio deste curso realizada, feliz com tudo o que aprendi e com expectativas muito positivas para o futuro. Sei que esse é apenas o começo de uma jornada de constante aprendizado e crescimento. A UFAL me fez evoluir muito, tanto como pessoa quanto profissional, e me mostrou que as

opções que tenho para o futuro pós ela, pode ser muito grande e com várias opções incríveis.

[11 de outubro de 2024]

Maiky Candido da Silva

Pensar sobre o futuro é uma tarefa complexa, pois as coisas raramente acontecem como planejado. Além disso, refletir excessivamente sobre o que está fora do nosso controle pode nos prejudicar, causando a tal da ansiedade. Ainda assim, como qualquer pessoa, tenho meus sonhos e metas. Quando imagino o meu futuro, me vejo atuando em uma função semelhante à que já exerço hoje, porém dentro do setor público. Atualmente, trabalho em uma empresa privada cujo foco é a limpeza e sustentabilidade da cidade.

Após concluir a faculdade, me enxergo assumindo uma posição mais elevada na empresa, já que ela investe bastante no desenvolvimento profissional dos colaboradores. Comecei como jovem aprendiz e, hoje, estou à frente de um dos setores mais importantes da coleta domiciliar.

No entanto, como mencionei no início, o futuro é incerto. Por isso, também considero a possibilidade de trabalhar em um banco. Gosto de me imaginar bem vestido, atendendo os clientes com um sorriso no rosto (acredito que esse é o espírito). Quem sabe, até mesmo, um dia me tornar vereador? Algumas pessoas dizem que tenho perfil para isso. Não que eu concorde totalmente, mas, enfim, o futuro é imprevisível.

[11 de outubro de 2024]

Gustavo da Silva Mota

A conclusão do curso de Administração Pública na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) representará o início de uma nova etapa cheia de desafios e oportunidades. A UFAL, com sua reconhecida tradição acadêmica, me preparou para ingressar no mercado de trabalho e seguir uma trajetória de sucesso. Ao longo do curso, pude não apenas desenvolver conhecimentos teóricos essenciais, mas também vivenciar práticas relevantes através de estágios e projetos que me conectam diretamente ao mundo profissional. A universidade, com seu prestígio no mercado, desempenhou um papel crucial na abertura de portas para minha inserção no mundo do trabalho, oferecendo-me experiências que agregam valor ao meu currículo e fortaleceram minha preparação para os desafios futuros.

Ao longo da minha formação, a inserção no mercado de trabalho sempre foi uma preocupação constante. Graças ao renome da UFAL e à qualidade do ensino oferecido, tive a oportunidade de participar de estágios e projetos em diversas áreas, o que me proporcionou uma base sólida de experiência prática. Esses momentos não apenas validaram os ensinamentos teóricos, como também me permitiram entender as dinâmicas do ambiente de trabalho real, desenvolvendo habilidades fundamentais como liderança, gestão de tempo e resolução de problemas. Isso me fez perceber como a UFAL, ao me preparar academicamente, também construiu as pontes necessárias para meu ingresso em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Outra perspectiva de grande relevância para meu futuro é a realização de concursos públicos. O setor público é um campo de grande interesse para mim, pois é uma área na qual posso aplicar diretamente os conhecimentos adquiridos durante a graduação. Desde já, tenho me preparado para concursos na área de administração pública, buscando vagas em órgãos que oferecem estabilidade e possibilidades de crescimento. Mesmo antes de concluir o curso, já iniciei essa jornada, participando de seleções e estudando para alcançar meu objetivo. A UFAL, com sua formação crítica e abrangente, foi essencial para que eu me sentisse preparado para enfrentar essa etapa e a continuidade desses estudos será fundamental para meu êxito nesse campo.

Além das metas profissionais, a continuidade acadêmica é outra prioridade. Meu desejo de seguir estudando e pesquisando na área pública não termina com a graduação. Tenho planos concretos de realizar uma pós-graduação, seja em nível de especialização ou mestrado, com foco nas áreas de políticas públicas e gestão administrativa. Contudo, já identifiquei que a oferta de cursos de pós-graduação na área específica de meu interesse é limitada em Alagoas. Por essa razão, estou considerando opções em outros estados, como Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro, onde instituições renomadas oferecem cursos que dialogam diretamente com minhas aspirações profissionais. Expandir meus estudos para outras regiões do Brasil é um passo estratégico para aumentar minhas oportunidades de desenvolvimento e adquirir novos conhecimentos que me permitam contribuir ainda mais para a gestão pública.

Essa fase de transição, de sair da graduação e buscar novos horizontes, exige não apenas a continuidade acadêmica e a inserção profissional, mas também o desenvolvimento pessoal. Um dos grandes ensinamentos que levo da UFAL é a importância de equilibrar a vida profissional com a vida pessoal. A universidade me proporcionou a base para entender que, embora o sucesso na carreira seja fundamental, é igualmente importante construir uma trajetória que leve em consideração a qualidade de vida e o bem-estar pessoal. Nos anos que virão, quero continuar a desenvolver um plano de carreira que seja sustentável a

longo prazo, buscando sempre manter o equilíbrio entre o trabalho e as minhas necessidades pessoais.

Outra lição que carrego da UFAL é a necessidade de flexibilidade em um mundo em constante transformação. O cenário profissional muda rapidamente, e estar aberto a novas possibilidades e disposto a aprender continuamente são habilidades essenciais para a construção de uma carreira de sucesso. A ideia de "aprendizado contínuo", que a UFAL sempre incentivou, será uma das bases da minha trajetória profissional. Isso significa não apenas buscar atualizações constantes, como também estar atento a novas oportunidades que podem surgir, seja em áreas diretamente relacionadas à administração pública ou em campos correlatos. Essa capacidade de adaptação é, sem dúvida, um dos principais legados que a UFAL deixa em minha formação.

Em suma, a UFAL desempenhou um papel crucial na minha preparação para o futuro. A universidade não apenas me ofereceu o conhecimento técnico necessário para atuar na área pública, como também proporcionou experiências práticas e reflexões sobre a importância de equilibrar a vida pessoal e profissional. Agora, ao me preparar para o ingresso definitivo no mercado de trabalho e para os desafios de uma pós-graduação em outra região, sinto que estou pronto para enfrentar as próximas etapas com segurança e motivação. A UFAL foi o ponto de partida de uma trajetória que, acredito, será marcada por conquistas tanto no âmbito profissional quanto no desenvolvimento pessoal.

[11 de outubro de 2024]

Cláudia de Brito Silva

Como expressa o ditado popular, "não há vitória sem luta". Esse dito ressalta a importância do esforço para a conquista de objetivos na vida. Para alcançar algo, é necessário batalhar e não depender exclusivamente da sorte. Esta perspectiva reforça a ideia de que o sucesso é resultado de dedicação e perseverança, sendo crucial o empenho em cada etapa do processo para garantir resultados satisfatórios.

Estar quase no fim dessa jornada acadêmica representa para mim a conclusão de uma etapa exaustiva, mas de grande importância. Ingressar na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) para cursar Administração Pública foi um desafio que exigiu resiliência, disciplina e foco, especialmente ao conciliar os estudos com outras responsabilidades. Ao olhar para trás, percebo que cada esforço valeu a pena, deixando-me mais preparada para enfrentar os desafios futuros.

Embora eu não tenha me destacado na turma ou sido tão participativa em sala de aula, carrego comigo a esperança de que o futuro, após a UFAL, será diferente.

Refletindo sobre isso, começo a planejar os próximos passos e imaginar o que preciso fazer para alcançar meus objetivos. Tenho o desejo de realizar uma pós-graduação e, além disso, cursar uma nova graduação na área da saúde, algo que sempre foi um sonho pessoal.

Para mim, é como se eu estivesse correndo contra o tempo. O tempo passou a ter um valor ainda maior, e lamento não ter ingressado em uma universidade logo após a conclusão do ensino médio. Agora, com quase três décadas de vida, estou finalizando minha primeira graduação. Esse sentimento de urgência me faz refletir sobre o futuro. Quero aproveitar cada instante daqui em diante, não apenas para recuperar o tempo perdido, mas para trilhar um caminho de realizações.

Assim, um futuro cheio de possibilidades me espera após a conclusão do curso na UFAL. Apesar de todos os desafios enfrentados, posso afirmar que saio dessa fase como uma pessoa mais experiente e preparada. Carrego comigo um diferencial importante: fui aluna de uma Universidade Federal, e cada esforço durante essa trajetória teve seu propósito. Nada foi em vão, e acredito firmemente que o futuro está nas mãos de Deus, com planos maiores e melhores do que os que eu mesma poderia traçar.

[11 de outubro de 2024]

Denise Rodrigues dos Santos

A reta final do curso se aproxima, e com ela surgem reflexões importantes sobre o futuro após a graduação. Olhar para frente significa vislumbrar as oportunidades que poderão ser exploradas, novas portas tendem a se abrir diante das últimas conquistas. Entre os muitos objetivos que almejo, um em particular se destaca: a realização de uma pós-graduação em Gestão de Pessoas. A escolha por essa especialização não é apenas uma forma de aprofundar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, mas também uma maneira de consolidar a minha atuação profissional na área em que já trabalho.

A especialização em Gestão de Pessoas possibilitará que eu aperfeiçoe minhas competências em liderança, desenvolvimento de equipes e gestão estratégica do capital humano. O mercado de trabalho atual exige cada vez mais profissionais preparados para lidar com os desafios humanos e organizacionais, e acredito que essa formação será fundamental para meu crescimento profissional. Ao me capacitar, poderei contribuir de forma mais

eficaz para a empresa em que atuo, ajudando no desenvolvimento de um ambiente de trabalho mais produtivo e colaborativo.

Portanto, ao pensar no futuro, o sentimento é de otimismo e determinação. A pós-graduação será o próximo passo rumo à especialização na área em que já atuo, alinhando meu desenvolvimento acadêmico com os desafios e expectativas da minha trajetória profissional. Assim, sigo confiante de que novas oportunidades surgirão e estarei preparado para aproveitá-las da melhor forma possível.

[11 de outubro de 2024]